

restaurante | marisqueira | típica tradicional portuguesa

Especialidades

CARNES

- Picanha na Brasa à D. Duarte
- Cabrito Assado à Padeiro
- Chateaubriand
- Tornado à Americana
- Mar e Terra Especial
- Costeleta de Novilho de Churrasco

HORÁRIO
 12h às 14h30
 e das 19h às 22h
Encerra: domingo ao jantar e segunda-feira todo o dia

📍 Rua de Moçambique, 34
3030-062 Coimbra

📞 239 701 461
914 856 104

✉️ restaurantedomduarte@gmail.com

SOCIESCAPES

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE ESCAPES

ESCAPES • ENGATES DE REBOQUE
E CATALIZADORES

Rua António Sérgio, Arm. n.º 1
Zona Ind. Pedrulha
3025-041 Coimbra - Tlf. 239 492 015
sociescapes@net.sapo.pt

C

Campeão

DIRECTOR LINO VINHAL
www.campeaoprovincias.pt
 PREÇO 1€ | 2ª SÉRIE | ANO 25 | EDIÇÃO N.º 1305 | 7 DE MAIO DE 2026 | SEMANÁRIO À QUINTA-FEIRA
 Telef. 239 497 750 | E-MAIL: campeajournal@gmail.com

DA CABINE À CARROÇARIA
EQUIPE O SEU CAMIÃO



LOJA DO
CAMIONISTA

Tudo para o seu Camião


WWW.LOJADOCAMIONISTA.PT

MEIRINHAS
236 942 163

VENDA DAS BAPARIAS
262 928 606

REALULTIMATEPT@GMAIL.COM

SEMANÁRIO NO PAPEL (QUINTAS-FEIRAS)... DIÁRIO ONLINE (WWW.CAMPEAOPROVINCIAS.PT)... VESPERTINO DIGITAL (DE SEGUNDA A SEXTA) | AUDIÊNCIA QUALIFICADA



RETA DO
NORTE

PNEUS E CENTRO AUTO

PNEUS +
CENTRO
AUTO

- ✓ Atendimento rápido e diferenciado
- ✓ Preços competitivos
- ✓ Qualidade do serviço
- ✓ Permanente disponibilidade de stock

966 912 964

geral@rectadonorte.pt

Avenida D. João Garcia Bacelar, 37-57
3060-071 Tocha

Transformar a educação

ESCOLA PRECISA DE PROFESSORES MAS A CARREIRA AINDA OS ATRAI?

Portugal terá de recrutar milhares de docentes nos próximos anos, mas a profissão enfrenta envelhecimento, salários pouco competitivos, progressão longa, colocações difíceis e excesso de burocracia. A segunda reportagem da série olha para quem ensina e para as condições que tornam possível, ou não, transformar a Educação. **PÁGINA 08**

Docentes de Direito e Reitoria em rota de colisão

Setenta docentes da Faculdade de Direito reafirmam críticas ao “declínio da profissão” e acusam a Administração da Universidade de Coimbra de “ingerência sem precedentes” na vida profissional dos Professores. Em resposta, a Reitoria alega que as exigências de controlo e autorização decorrem estritamente da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas. **PÁGINA 3**

Construção defronta-se com falta de mão-de-obra

A falta de trabalhadores qualificados foi apontada na Tektónica - Feira Internacional da Construção como o principal desafio do sector. Especialistas e associações defendem que a aposta na automação e no reforço do ensino profissional são as chaves para garantir a capacidade de resposta das empresas perante projectos cada vez mais exigentes. O evento, marcado por um forte reforço do eixo luso-espanhol, revelou um sector em plena transformação, impulsionado pela inovação tecnológica e pela eficiência energética. **PÁGINA 2**

Rally de Portugal avança hoje para a estrada

A emoção do rally volta a acelerar na região Centro com uma edição marcada pela exigência e pela tradição. Com 23 classificativas e cerca de 345 quilómetros cronometrados, a prova arranca em Coimbra e segue depois para alguns dos troços mais históricos da competição, como Mortágua, Arganil, Lousã e Góis. **PÁGINAS 9, 10 E 11**

ENTREVISTA



Cândido Malva

Presidente da União de Freguesias de Taveiro, Ameal e Arzila

PÁGINA 7

Região Centro vive dias de festa à mesa

A região Centro está a receber vários festivais gastronómicos que destacam alguns dos sabores mais tradicionais do território. Em Condeixa o cabrito e a escarpiada estão em destaque numa celebração da identidade local enquanto em Meirinhas no concelho de Pombal e em Mira a fava assume o papel principal à mesa. Entre pratos típicos produtos regionais e momentos de convívio estas iniciativas prometem atrair visitantes e valorizar a gastronomia como marca cultural da região. **PÁGINAS 12 E 13**

Entrada Livre Pratos variados

3ª EDIÇÃO Festival
Favas à nossa moda

8, 9 e 10 Maio
2026 Mira Jardim de Visconde

Organização: Mira Mira

TIMBERPOR

INDÚSTRIA DE CARPINTARIA E MOBILIÁRIO

Carpintaria
Mobiliário
Roupeiros
Janelas

Rua Cidade do Rio de Janeiro | 3300-145 Arganil
Tel.: 235 203 035 | Telms.: 968 628 269 / 964 387 627
geral@timberpor.pt | www.timberpor.pt

Municípios querem ter papel decisivo na gestão do PTRR

O presidente da ANMP, Pedro Pimpão, defendeu ontem que os municípios devem ter uma participação ativa no modelo de governação do Portugal Transformação, Recuperação e Resiliência (PTRR). Após uma reunião do conselho diretivo, em Coimbra, o autarca sublinhou que as autarquias têm “provas dadas” na execução de investimento público.



COIMBRAGESTE

Gestão, Contabilidade e Fiscalidade Lda

É fácil crescer
com confiança



Telf./Fax 239 834 167
www.coimbrageste.pt
geral@coimbrageste.pt



Rui Manuel Ribeiro da Conceição

969 059 095 | 236 942 157 | RMRCONCEICAO@GMAIL.COM
TRAV. CASAL D'ALÉM, N.26 | MEIRINHAS | POMBAL

COMÉRCIO DE SUÍNOS

VER NOTÍCIA NA PÁGINA 12

Apoiamos o Festival da Fava em Meirinhas

PT
KG16GA
CE

CENTRO DE AGRUPAMENTO
N.º 5 / CA / BL

TEKTÓNICA 2026 CONTOU COM 400 EMPRESAS E MAIS DE 39 MIL VISITANTES

ESCASSEZ DE MÃO-DE-OBRA QUALIFICADA É UM DOS PRINCIPAIS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO

ANA CLARA*

A edição de 2026 da Tektónica - Feira Internacional da Construção teve lugar de 23 a 25 de Abril, na FIL, em Lisboa. Com um "aumento significativo" de número de empresas participantes (400), o certame voltou a consolidar a dimensão internacional, com a presença de expositores de 15 países. O número de visitantes ultrapassou os 39 mil, num crescimento de cerca de 30% face à edição anterior. Trata-se de um valor apurado em conjunto com o Salão Imobiliário de Portugal (SIL), que decorreu em paralelo.



José Paulo Pinto, Gestor Coordenador da Tektónica, refere que o evento consolidou "a trajetória de crescimento que se tem verificado nas últimas edições"

Em entrevista ao "Campeão das Províncias", José Paulo Pinto, Gestor Coordenador da Tektónica, refere que o evento consolidou "a trajetória de crescimento que se tem verificado nas últimas edições". Este dinamismo reflecte "a evolução do próprio sector", sobretudo nas áreas directamente ligadas à inovação tecnológica e à eficiência energética. O responsável adianta que, ante estes dados, a Tektónica "reforça o seu posicionamento como "feira líder da Península Ibérica no sector da Construção, com uma forte capacidade de atrair empresas e profissionais qualificados". Entre os segmentos mais dinâmicos destacaram-se a inovação tecnológica, a eficiência energética, smart building, novos materiais e processos construtivos industrializados, áreas que estão hoje no centro da transformação do sector.

Ao nível internacional, José Paulo Pinto destaca o crescimento da participação estrangeira, com empresas de 15 países. "Em particular,



O sector da Construção está numa fase de "forte transformação, impulsionada por exigências crescentes ao nível da eficiência energética, sustentabilidade e inovação tecnológica"

o mercado espanhol assumiu um papel de relevo, com 23 empresas, evidenciando o reforço consistente deste eixo ibérico", salienta.

Eficiência, inovação e sustentabilidade

A inovação tecnológica e a eficiência energética na Construção foram os grandes temas do certame e esta escolha deveu-se, segundo o Gestor Coordenador da Tektónica, ao facto de o sector da Construção se encontrar numa fase de "forte transformação, impulsionada por exigências crescentes ao nível da eficiência energética, sustentabilidade e inovação tecnológica". "A Tektónica espelha precisamente esse momento. As empresas encaram a feira como um espaço estratégico para apresentar soluções inovadoras e responder a um enquadramento cada vez mais exigente do ponto de vista técnico, ambiental e regulatório", vinca. Mais do que acompanhar tendências, "o sector está hoje a integrar activamente tecnologias e soluções que impactam todas as fases do ciclo construtivo - desde o projecto à execução e manutenção. A presença de soluções ligadas a smart building, digitalização e novos materiais demonstra essa evolução".

Uma das novidades em 2026 foi a introdução de uma área dedicada às Máquinas para Construção, que "surge como resposta directa à evolução das necessidades do sector e à crescente procura dos profissionais por soluções que aumentem a produtividade e eficiência em obra". "Hoje, as máquinas deixaram de ser apenas

equipamentos operacionais para integrarem sistemas tecnológicos avançados, com forte incorporação de digitalização, automação e eficiência energética", sustenta. Soluções como controlo de precisão com base em GPS e integração com modelos BIM permitem uma execução mais rigorosa e eficiente, reduzindo desperdícios e acelerando processos. Ao mesmo tempo, tecnologias como telemetria, automação e eletrificação estão a transformar a gestão de frotas e operações em estaleiro. Com esta aposta, a Tektónica "alarga a sua oferta e reforça o seu posicionamento como uma plataforma que acompanha toda a cadeia de valor da Construção", sublinha.

O problema da mão-de-obra

Sobre as grandes preocupações, "a escassez de mão-de-obra qualificada é um dos principais desafios e tem impacto directo na capacidade de resposta das empresas", realça o responsável da feira. Neste contexto, "a Tektónica assume um papel cada vez mais relevante como ponto de encontro de toda a cadeia de valor da Construção" ao reunir donos de obra, projectistas, empreiteiros, fabricantes de equipamentos, fornecedores de tecnologia e instaladores num mesmo espaço, lembra José Paulo Pinto. E garante que "a feira cria um ambiente propício ao diálogo técnico, à partilha de conhecimento e à criação de novas parcerias". Paralelamente, "a crescente incorporação de tecnologia e automação surge também como parte da resposta, per-

mitindo otimizar processos e reduzir a dependência de mão-de-obra intensiva". Num contexto em que os projectos do ponto de vista técnico, ambiental e regulatório, "esta articulação entre diferentes perfis profissionais torna-se fundamental". "A feira contribui, assim, para aproximar inovação, execução em obra e conhecimento técnico especializado, reforçando a capacidade para responder aos desafios actuais e futuros da Construção", garante.

A visão da AIPOR

À margem da Tektónica, o "Campeão" falou também com Celeste Campinho, presidente da Direcção da As-

sociação dos Instaladores de Portugal (AIPOR), organização que representa diversas áreas do sector das Instalações Técnicas Especiais. "Para a AIPOR, a Tektónica foi um sucesso. Tendo em conta a instabilidade internacional, este foi um palco muito importante para o diálogo e reencontro com empresas e profissionais", frisa, lembrando a importância da união de todo o sector. Apesar das dificuldades actuais, a responsável refere que "a actividade na Construção mantém um nível elevado, e é essencial continuar a impulsionar este importante e decisivo sector para a economia nacional". Por isso mesmo, partilha da preocupação de José Paulo Pinto em relação à mão-de-

-obra qualificada, que considera ser um dos principais desafios. Nesta perspectiva, a presidente da AIPOR defende ser "fulcral o reforço do ensino profissional", que pode "colmatar carências" e ser "uma oportunidade para muitos jovens", tendo em conta a forte componente tecnológica que comporta.



Celeste Campinho, presidente da Direcção da Associação dos Instaladores de Portugal, sublinha que a Tektónica foi um palco para o diálogo e reencontro com empresas e profissionais

(*) Jornalista do "Campeão" em Lisboa

Acidentes mortais: "cada ocorrência deve ser encarada como um sinal de alerta"



Manuel Reis Campos, presidente da AICCOPN, refere que cada ocorrência deve ser encarada como um sinal de alerta

Na semana em que decorreu a Tektónica, registaram-se dois acidentes graves envolvendo gruas, um em Buarcos, na Figueira da Foz, e outro em Eiras, Coimbra, culminando em duas vítimas mortais. O "Campeão das Províncias" falou com o presidente da Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas Nacional (AICCOPN), Manuel Reis Campos, que frisa que, "sem prejuízo das conclusões que venham a ser apuradas pelas entidades competentes, importa referir que a análise técnica deste tipo de ocorrências exige uma avaliação rigorosa de múltiplos factores, designadamente as condições de operação, os procedimentos de montagem, utilização e manutenção

dos equipamentos, a qualificação dos operadores, o planeamento da obra e a implementação efectiva das medidas de segurança em estaleiro", afirma.

"Acidentes com equipamentos de elevação, como gruas, estão geralmente associados a falhas específicas - de natureza técnica, operacional ou organizacional - e não a um problema estrutural generalizado". Ainda assim, reforça que "cada ocorrência deve ser encarada como um sinal de alerta que justifica o reforço contínuo dos mecanismos de prevenção e controlo de riscos", explica.

No que respeita à segurança no sector da Construção e Obras Públicas, Reis Campos salienta que "o enquadramento legal português é exigente e encontra-se alinhado com as directivas europeias, impondo a obrigatoriedade de elaboração e implementação de Planos de Segurança e Saúde, avaliação de riscos, formação adequada dos trabalhadores e utilização de equipamentos de trabalho devidamente certificados, incluindo inspecções e verificações periódicas".

O Presidente da AICCOPN assegura que, de um modo geral, as empre-

sas do sector - em particular as de maior dimensão e estruturação - "apresentam níveis de cumprimento elevados". Contudo, subsistem desafios relevantes, nomeadamente: a escassez de mão-de-obra qualificada, a diversidade de níveis de maturidade organizacional entre empresas e subempreiteiros, a necessidade de reforço da cultura de segurança em obra e a pressão associada aos prazos de execução, que exige uma gestão rigorosa para não comprometer as condições de segurança".

Relativamente à fiscalização, Reis Campos diz que esta assume um "papel determinante na verificação do cumprimento das obrigações legais". "É essencial que as entidades competentes disponham de meios técnicos e humanos adequados à dimensão e complexidade do sector, assegurando uma actualização regular, preventiva e tecnicamente qualificada", considera, lembrando que a AICCOPN "tem vindo a desenvolver um trabalho contínuo junto das empresas, promovendo a adopção de boas práticas, a qualificação técnica dos recursos humanos e uma abordagem sistemática à gestão da segurança".

CARTA ABERTA DE JURISTAS AINDA MEXE

“MANIFESTO PELA DOCÊNCIA” ALERTA PARA “INGERÊNCIA SEM PRECEDENTES” NA UC

R.A.

Um “Manifesto pela docência e investigação na Universidade de Coimbra”, posto a circular nos últimos dias e a cujo teor o “Campeão” teve acesso, alerta para alegada “ingerência sem precedentes na vida profissional e pessoal” dos professores.

O documento, que apela a adesões através do endereço de correio electrónico docentes.fduc@gmail.com, surgiu na sequência de outro, que foi subscrito por 70 docentes da Faculdade de Direito de Coimbra, intitulado “O declínio da profissão: causas e soluções”.

“Está a instalar-se e a ganhar raízes, progressivamente, na UC, uma nova cultura institucional, que assenta em três pontos axiais inaceitáveis: a) desconfiança sistémica face ao cumprimento dos deveres por parte de quem lecciona e investiga, b) negação da especificidade do professor universitário (...), c) multiplicação de mecanismos de controlo preventivo, assentes em autorizações que, a propósito de tudo e de nada, interferem, sem qualquer tipo de fundamento legal, com a normal prestação da actividade profissional pelos docentes (...)”, assinala o sobredito manifesto.

Segundo o documento, “esta nova cultura institucional tem, hoje em dia,



O documento é subscrito por 70 docentes da Faculdade de Direito de Coimbra

expressão bem visível: a proposta de Regulamento de prestação de serviço dos docentes”, contestada por dezenas de professores da Faculdade de Direito (FDUC).

“Até que ponto pretende a Administração da UC levar esta menorização” dos seus professores?, questiona o “Manifesto pela docência e investigação”.

No Conselho de Gestão da Universidade de Coimbra, a par do Reitor, do Vice-Reitor Luís Neves e do administrador Luís Bento Rodrigues, tem assento, mediante escolha de Amílcar Falcão, o professor associado da FDUC Licínio Lopes Martins, que é um dos subscritores de uma carta aberta à comunidade académica, intitulada “O declínio da profissão de professor universitário: causas e soluções”.

“A autonomia universitária edifica-se sobre um paradigma de confiança;

nunca sobre um modelo policial de vigilância permanente”, adverte o “Manifesto pela docência e investigação”.

Ao assinalar que o actual Regulamento de prestação de serviço de docência vigora desde 2017, o vice-reitor Luís Neves, em reacção à referida carta aberta, diz que que todas as situações de acumulação de funções, públicas ou privadas, carecem de autorização.

Esta “exigência não resulta de uma opção discricionária da UC, mas decorre directamente da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas”, alega Luís Neves.

“Embora sensíveis às preocupações manifestadas na carta aberta relativamente a vários aspectos da carreira docente, cuja resolução não se encontra na esfera de competências da Universidade, não podemos consagrar nos regulamentos internos soluções que não assegurem o cumprimento da lei”, conclui o vice-reitor com assento no Conselho de Gestão.

A reacção de Luís Neves mereceu de 70 professores da FDUC a seguinte alegação: “reafirmamos a plena correcção da iniciativa (carta aberta) e a total improcedência da sugestão de que tenha sido interrompido qualquer processo de reflexão conjunta, processo esse que, na prática, nunca chegou a ocorrer”.

JULGAMENTO DE JOSÉ MANUEL SILVA

COMPENSAÇÃO A BASTONÁRIO SEM SALÁRIO FOI “UM ALÍVIO” AOS OLHOS DE EX-ASSESSOR

RUI AVELAR

“Toda a gente respirou de alívio” ao ser “consensualizada uma solução”, no âmbito da Ordem dos Médicos, para pagamento de “uma compensação” a José Manuel Silva, que como bastonário não afeiu salário na instituição.

As palavras foram proferidas, na semana passada, por José Mário Martins, em Lisboa, na terceira sessão da audiência de julgamento de José Manuel, que responde pelos eventuais crimes de peculato e falsificação de documento.

Comete o crime de peculato o(a) arguido(a) que, ilegitimamente, se apropriar, em proveito próprio ou de outra pessoa, de dinheiro ou de qualquer coisa móvel (...), que lhe tenha sido entregue, esteja na sua posse ou lhe seja acessível em razão das suas funções.

Inquirido como testemunha, Martins, que assessorou Silva, declarou ter sabido “da compensação” através da secretária do bastonário, Rosa Soares (já falecida).

Sem salário na Ordem,

Silva desfrutou de autorização do Conselho Nacional Executivo para auferir ajudas de custo, independentemente de ter continuado a receber da Faculdade de Medicina da UC e do CHUC.

Interpelada pelo advogado João Riquito, defensor do arguido, acerca de uma troca de impressões entre Martins e Rosa Soares, a testemunha, em jeito de explicação “do alívio”, indicou que para a outrora secretária “o assunto tinha deixado de o ser”.

José Mário acrescentou que “a controvérsia” inerente ao pagamento de ajudas de custo consistia em “encontrar uma forma legal” capaz de dar suporte à compensação ao bastonário.

Vantagem patrimonial

A autora da dedução de acusação, magistrada do Ministério Público, remete para simulação de uso de viatura própria, ao abrigo de um alegado estratagema, e para boletins de reembolso presumivelmente forjados.

Ao acusar o ex-bastonário da OM, o MP requer que ele seja condenado a perder

uma vantagem patrimonial alegadamente auferida no montante de 54 534 euros. A avaliar por uma perícia efectuada pela Polícia Judiciária, o empolamento do volume de quilómetros percorridos em viatura própria terá proporcionado a Silva embolsar, alegadamente de forma ilegítima, mais de 50 000 euros durante cinco anos (2012-2016).

Segundo João Riquito, um antigo tesoureiro da OM, Alberto Caldas Afonso, diz ter alertado José Mário Martins para a necessidade de verificar se os relatórios das deslocações do bastonário eram consentâneos com a realidade.

Neste contexto, o advogado questionou Martins se ele se lembra da alegada advertência. “Não me lembro”, respondeu José Mário, enfatizando que, por um lado, dificilmente se esqueceria e, por outro, teria pedido a Caldas Afonso para pôr o assunto por escrito.

A audiência de julgamento de José Manuel Silva, que é, hoje em dia, vereador da Câmara Municipal de Coimbra, vai prosseguir em Maio.

COIMBRA QUER ZERO MORTES NA ESTRADA

Coimbra foi seleccionada para integrar um projecto-piloto da Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária (ANSR) que visa atingir a meta de zero mortes e zero feridos graves nas vias urbanas. Os principais pontos da estratégia incluem um plano

de segurança rodoviária herdado do executivo anterior e que será reestruturado para se alinhar com as exigências da “Visão Zero”. A solução não passa apenas por limites de velocidade, sendo recomendada a generalização do limite de 30 km/h em arruamentos urbanos, alar-

gamento de passeios e instalação de lombas. A proposta foi aprovada na Assembleia Municipal de Coimbra, na passada semana, com 39 votos a favor (PS, PSD, CDU, Livre e PAN), nove abstenções (Chega, Nós Cidadãos, BE, IL e PPM) e três contra (CDS-PP).

PUBLICIDADE

EXPOSIÇÃO
espelhos
Dentro e fora da realidade

UC EXPLORATÓRIO
VIENNA 1979

IN EXIBIÇÃO: MAQUETAS INSTITUCIONAIS PRODUÇÃO

UC EXPLORATÓRIO
CIÊNCIA VIVA
BPI
Fundação "la Caixa"

ASCENSOR

↑ A SUBIR

LUÍS ANTUNES E RENATO DANIEL – A representação da região de Coimbra no núcleo central de apoio à Presidência da República está presente com a nomeação oficial de Luís Antunes e Renato Daniel. A decisão, já publicada em Diário da República, reflecte a confiança política e técnica do Chefe de Estado, António José Seguro, nos percursos dos dois lousanenses. Esta transição para o Palácio de Belém é encarada como um passo natural, após a colaboração estreita de ambos durante o período eleitoral para a Presidência da República. Luís Antunes tem experiência na gestão pública e foi uma figura de relevo na política local e regional durante 12 anos. O seu percurso é indissociável da Câmara Municipal da Lousã, onde exerceu funções como presidente, destacando-se pela proximidade às populações e pelo foco no desenvolvimento do território. A sua competência estratégica foi fundamental nas últimas eleições presidenciais, onde desempenhou o papel de director distrital da campanha de António José Seguro, e, agora, este ex-autarca socialista da Lousã fica em Belém com a pasta de organização de eventos especiais, onde se incluem as Presidências Abertas, juntamente com Miguel Teixeira, deputado municipal em Lisboa. Por sua vez, com o foco na juventude, o Presidente da República chamou para o seu gabinete Renato Daniel, com as funções de assessor, ficando acompanhado por Rita Saias (que já estava na Presidência com Marcelo Rebelo de Sousa). Com um perfil marcado pelo dinamismo, Ricardo Daniel é amplamente reconhecido pela sua intervenção cívica e académica, tendo presidido à Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), uma das mais antigas e prestigiadas instituições estudantis do país. Mas o seu currículo estende-se para além da academia, evidenciando um forte cariz humanitário como fundador da Associação Portuguesa do Cancro do Cérebro. Na corrida a Belém, Renato Daniel teve uma participação activa ao servir como mandatário para a Juventude, sendo responsável pela mobilização das novas gerações em torno do projecto político do actual Presidente. Com estas nomeações, a Casa Civil ganha reforços que aliam a maturidade da experiência autárquica de Luís Antunes ao vigor associativo de Renato Daniel, ambos com raízes profundas na região de Coimbra. Refira-se que António José Seguro fechou oficialmente a constituição da sua equipa, num processo que sempre disse que estava em “construção” e que não seria apressado. Com oito assessores (de um total possível de 12) e 17 consultores (que não têm número limite e não são obrigados a funções de exclusividade), a Casa Civil de Seguro acaba por ter uma dimensão ligeiramente inferior à última equipa de Marcelo (que tinha cerca de 30 elementos).

MIGUEL CASTELO-BRANCO – O professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra foi nomeado líder sénior global pela Sociedade Internacional para a Investigação do Autismo, a INSAR, passando a representar Portugal num comité internacional de referência científica nesta área. A nomeação reconhece o percurso académico e científico de Miguel Castelo-Branco, bem como o contributo desenvolvido em Coimbra para o avanço do conhecimento sobre o autismo. Para além da docência na Universidade de Coimbra, o investigador coordena cientificamente o Centro de Imagem Biomédica e Investigação Translacional do Instituto de Ciências Nucleares Aplicadas à Saúde da Universidade de Coimbra. Criado em 2019, o Comité de Líderes Seniores Globais da INSAR reúne investigadores de vários países com o objectivo de promover uma visão internacional sobre a investigação em autismo, identificando necessidades, desafios e prioridades em diferentes contextos nacionais. Os membros deste comité são escolhidos a partir de uma ampla rede internacional de representantes e cumprem mandatos de três anos. Cabe-lhes actuar como referências científicas nos respectivos países, reforçando a cooperação global e contribuindo para a definição de futuras iniciativas da INSAR. A integração de Miguel Castelo-Branco nesta estrutura constitui um sinal de reconhecimento internacional do seu trabalho e da relevância da investigação portuguesa no domínio do autismo. A nomeação valoriza igualmente o papel da Universidade de Coimbra como centro de produção científica capaz de dialogar com as principais redes mundiais de conhecimento.

FIGURA DA SEMANA

MÃE: A FORÇA SILENCIOSA QUE SUSTENTA O MUNDO

No último domingo, dia 3, celebrou-se o Dia da Mãe, uma data que, embora marcada no calendário, ultrapassa largamente a lógica de uma simples efeméride. Falar da Mãe como Figura da Semana é reconhecer a grandeza de uma presença que, muitas vezes em silêncio, sustenta famílias, educa gerações, cura feridas invisíveis e mantém de pé aquilo que, sem amor, facilmente se desmoronaria.

Mãe deve ser sempre celebrada. Não apenas num dia, nem apenas com flores, mensagens ou homenagens públicas. Mãe deve ser celebrada no respeito diário, na gratidão sincera, no reconhecimento do esforço, da entrega e da renúncia. Porque ser mãe é, antes de tudo, assumir uma missão de amor profundo, de cuidado constante e de dedicação sem medida. Importa também recordar que Mãe não é necessariamente

apenas quem dá à luz. Mãe é quem cria. É quem acolhe, protege, educa, acompanha e ama. É quem se levanta cedo para garantir o pão, quem adormece tarde preocupada com o futuro dos filhos, quem abdica muitas vezes dos próprios sonhos para que outros possam sonhar. Mãe é a avó que assume a criação dos netos, a tia que se torna abrigo, a madrasta que ama sem distinção, a mulher que escolhe cuidar e dedicar-se profundamente a uma criança como se dela tivesse nascido.

Esse amor tem um valor inestimável. Não se mede em dinheiro, nem se resume a discursos bonitos. Mede-se nos gestos repetidos, na paciência, no colo, na palavra certa, na repreensão necessária, no sacrifício discreto e na coragem de permanecer firme mesmo quando tudo parece difícil.

Numa sociedade tantas vezes apressada, que nem sempre reconhece devidamente o papel da mulher e da família, homenagear as Mães é também um acto de justiça. É reconhecer que muitas delas são chefes de família, trabalhadoras incansáveis, educadoras permanentes e pilares emocionais de lares inteiros. São elas que, com força e ternura, ajudam a formar cidadãos, a transmitir valores e a construir comunidades mais humanas.

A Mãe é, por isso, mais do que uma figura afectiva. É uma instituição de amor. É memória, raiz, protecção e esperança. Mesmo quando ausente fisicamente, permanece na formação, nos ensinamentos e nas marcas profundas que deixa nos filhos.

Neste Dia da Mãe, celebrado no último domingo, a homenagem deve prolongar-se para além da data. Que cada Mãe se sinta vista, respeitada e valorizada. Que cada filho saiba reconhecer, em vida, o amor que recebeu, e que cada pai saiba reconhecer, valorizar e respeitar a mulher que lhe deu os filhos, honrando a sua entrega, o seu sacrifício e o papel insubstituível que desempenha na vida da família. E que a sociedade compreenda que cuidar de quem cuida é também uma responsabilidade colectiva.

A Figura da Semana é, assim, a Mãe: aquela que gera no ventre ou no coração, que cria com amor, que se dedica sem pedir recompensa e que transforma a vida dos filhos com uma entrega que nenhuma palavra consegue pagar por inteiro.



Foto de James Wheeler na Unsplash

ANA FILOMENA AMARAL – O novo romance “Poder Absoluto Caravanas de Liberdade” vai ser lançado no próximo sábado (dia 9), pelas 15h00, na Lousã, vila onde Ana Filomena Amaral vive. Este livro, que será apresentado na Biblioteca Municipal da Lousã Comendador Montenegro pela jornalista Paula Sofia Luz, é a décima sétima obra a ser publicado pela escritora, nascida em Avintes. Este romance centra-se na realidade actual de países autocráticos e totalitários (Irão, Turquia, Síria, Nigéria, Myanmar, China, Coreia do Norte, Rússia, Bielorrússia, Polónia. Hungria (na época de Viktor Orbán), Cuba, Venezuela, Brasil, (na época de Jair Bolsonaro), ao mesmo tempo, abordando a perseguição desumana e cruel a várias minorias como os bahai, no Irão, uigures, na China, ruaingas, em Myanmar, e outras, sempre em contraponto com as caravanas da liberdade do povo cigano disseminado pelo mundo, as suas tradições e história. A sessão de lançamento terá a participação do cantor e compositor cigano Diego El Gavi e do guitarrista iraniano Sina Shirazi, que interpretarão música flamenca, identitária da cultura cigana.

ADRIANA CALCANHOTTO – A cantora brasileira vai dar quatro concertos em Portugal, em formato voz e violão. O Convento São Francisco, em Coimbra, foi o espaço escolhido para dar início a esta pequena digressão, estando o espectáculo agendado para dia 22 de Outubro, às 21h30. Os bilhetes já estão à venda e custam entre 23 e 25 euros por pessoa. Este ciclo de concertos surge numa altura em que a artista assinala 60 anos de vida e quatro décadas de carreira. Nesse sentido, este evento vem recordar a diversidade musical e profundidade lírica de Adriana Calcanhotto, que mistura géneros como “bossa nova, MPB, pop, samba e funk nas suas composições, abordando temas que vão do prazer à reflexão”. Depois do concerto em Coimbra a artista vai seguir para o Cineteatro Curvo Semedo, em

Montemor-o-Novo, a 24 de Outubro. A sua digressão vai ainda passar pelo Teatro Tivoli, em Lisboa, no dia 26 desse mês e, no dia seguinte, pela Casa da Música, no Porto.

ANA ABRUNHOSA – No palco da política, onde o erro é frequentemente mascarado por justificações evasivas ou silêncios estratégicos, a atitude de Ana Abrunhosa, presidente da Câmara Municipal de Coimbra, surge como um raro e refrescante exemplo de responsabilidade democrática. Ao retratar-se publicamente perante o jornalista João Gaspar da agência Lusa, a autarca não apenas encerrou um episódio de tensão, mas reforçou os alicerces que devem sustentar a relação entre o poder político e a imprensa. Reconhecer um “momento infeliz” em plena Assembleia Municipal exige uma coragem que transcende a mera gestão de danos. E Ana Abrunhosa foi directa: retratou-se das acusações de falha deontológica, de existência de agendas políticas que havia lançado sobre o jornalista e garantiu que o episódio não se repetirá, reafirmando o respeito total pela liberdade de imprensa. A declaração da autarca de que “o papel dos jornalistas não é agradar aos políticos” toca no cerne da saúde democrática. O jornalismo existe para questionar, escrutinar e informar - muitas vezes sobre temas sensíveis, como o futuro da Casa do Cinema de Coimbra, que esteve na origem deste desentendimento. Errar é inerente à condição humana; saber pedir desculpa e corrigir a rota é o que distingue os timoneiros dos que apenas ocupam cargos. E o facto de os partidos da oposição (PSD, CDS-PP, IL, BE, entre outros) terem retirado a moção de condenação após este gesto é a prova de que a honestidade intelectual tem o poder de pacificar instituições e restaurar o respeito institucional. Coimbra ganha quando o debate volta ao que importa, sob o signo da transparência e do respeito mútuo.

JOSÉ PENEDOS CREMADO ONTEM NO CEMITÉRIO DE CARNIDE, EM LISBOA

Morreu no passado fim-de-semana José Penedos, figura que partilhou com Coimbra grande parte da sua vida, quer pessoal quer profissional. Tinha 80 anos, os últimos dos quais vividos em precaríssimas condições de saúde, a que o conduziu a doença de Alzheimer que a certa altura o reteve acamado e em perda progressiva do conhecimento, sempre acompanhado pela família. Natural de Vieira do Minho, formou-se em Engenharia Eletrotécnica, área em que desenvolveu a sua vida profissional, como quadro superior da EDP, vindo posteriormente a dirigir a REN (Rede Nacional Eléctrica). Pessoa conceituada quer em Coimbra quer no país, dada a sua reconhecida capacidade profissional e a forma elegante e respeitadora como lidava com as pessoas, José Penedos teve também uma intensa actividade política. Foi sempre militante do Partido Socialista, tendo sido mesmo o primeiro presidente da Comissão Política Concelhia do PS em Coimbra. Integrou dois Governos chefiados por António Guterres, num como Secretário de Estado da Energia e noutra como Secretário de Estado da Defesa. O seu corpo foi cremado ontem no Cemitério de Carnide.



PARTIU...

POR VÍTOR BAPTISTA
QUADRO DO PARTIDO SOCIALISTA

O Zé Penedos partiu. Até um dia... paz à sua guerreira alma. Um Homem inteligente. Um socialista que Coimbra não vai esquecer. Sem receio ou medo, considero ter sido um dos perseguidos, vítimas, do “sistema” de alguma mediocridade reinante. Na última década, politicamente, pessoalmente, passou as “passas do Algarve”. Homem sério, mal tratado, poucos o conheciam, sofredor no silêncio. Homem de convicção, na autenticidade, a mesma, que inviabilizaram ter realizado o sonho de liderar a EDP, a recordar um outro grande, de Coimbra, M. Alegre, na máxima “há sempre alguém que diz, não”. Histórias desconhecidas... Admirava-o, no conhecimento, na autenticidade, na sua grande humanidade. Merece o nosso reconhecimento. A nossa presença. Paz à sua enorme alma. Os meus sentidos pêsames a toda a família. E, em Particular ao P. Penedos, um grande abraço de solidariedade.

ATÉ UM DIA, QUERIDO AMIGO

POR LUÍS MARINHO
QUADRO DO PARTIDO SOCIALISTA

JOSÉ PENEDOS/ partiu para o mar eterno da tranquilidade um homem honesto que ocultos interesses de poder apostaram em destruir. De uma probidade sem mácula e inteligência e capacidade excepcional, serviu o partido e o país por imperativo e compromisso ideológico e moral sem qualquer benefício pessoal ou material. Descansa hoje das injustiças de que foi vítima. Mas deixa em todos os que sempre o respeitaram e admiraram a mágoa de não ter tido condição de saúde para se defender. Um dos mais brilhantes políticos com a marca de Coimbra que merece uma reparação que, estou certo, chegará. Até um dia querido amigo.

CARLOS PAIVA, UMA VIDA AO SERVIÇO DA PALAVRA E DA FIGUEIRA DA FOZ

Carlos Paiva faleceu na passada segunda-feira, numa unidade de cuidados continuados em Cantanhede, após várias semanas de internamento no Hospital da Figueira da Foz. Jornalista de carteira profissional n.º 2443, foi uma figura marcante, reconhecida por uma vida multifacetada e generosa. Nasceu a 15 de Outubro de 1947, em São João da Madeira, onde estudou até ao 12.º ano. Em 1966 ingressou na Força Aérea, na Ota, como operador de comunicações e controlador aéreo. Cumpriu 25 meses em Moçambique. Ainda jovem destacou-se no futebol na Sanjoanense. Mais tarde, em Angola, representou profissionalmente o Lusitânia do Lobito, a partir de 1972. Foi também ali que iniciou a carreira jornalística, no jornal O Lobito, em O Momento Desportivo e no Rádio Clube do Lobito. Regressou a Portugal em 1975 e, em 1978, fixou-se na Figueira da Foz, cidade onde criou família e à qual se entregou de alma e coração. Colaborou com O Record, Gazeta dos Desportos, A Bola, O Jogo, Diário de Coimbra e Jornal de Notícias, e foi chefe de redacção de A Voz da Figueira. Fez rádio no Rádio Clube Foz de Mondego e na Rádio Maiorca, com programas como “Estrelas da Madrugada”. Mesmo depois de perder totalmente a visão, em 2010, manteve intacto o sentido de missão. Viajante incansável, somou mais de 40 mil boleias e percorreu a Europa. Recebeu o Prémio Carreira da FigueiraTV e deixa uma lição de coragem, amizade e amor ao jornalismo.



Carlos Paiva, jornalista de alma inteira, voz da Figueira e exemplo maior de dedicação, coragem e amizade

HOSPITAL COMPAIXÃO CELEBRA QUATRO ANOS A APOIAR A SAÚDE

O Hospital Compaixão, sediado em Miranda do Corvo, assinalou recentemente o seu quarto aniversário, afirmando-se como uma peça central na prestação de cuidados de saúde na região Centro.

Tutelada pela Fundação ADFP, uma instituição sem fins lucrativos e de utilidade pública, a unidade hospitalar tem vindo a expandir a sua influência para além da comunidade local, servindo os concelhos limítrofes e todo o Pinhal Interior através de uma resposta clínica diversificada e sustentável.

Os dados operacionais relativos ao primeiro quadrimestre de 2026 confirmam esta trajectória de expansão. Entre Janeiro e Abril deste ano, o hospital registou cerca de 8.800 actos clínicos e prestou assistência a aproximadamente 4.000 utentes. O detalhe da actividade clínica revela um volume expressivo de serviços: foram realizadas 4.471 consultas médicas e a área de reabilitação contabilizou 3.370 actos de fisioterapia. No sector de diagnóstico, registaram-se 1.540 exames de imagiologia e 1.120 análises clínicas.

Este desempenho não se limita a números quantitativos, reflectindo também uma melhoria qualitativa através da estabilização de equipas e do reforço de especialidades como cardiologia, gastroenterologia, reabilitação e saúde mental.

Falta ainda maior colaboração com o SNS

Apesar dos indicadores positivos, o futuro do

Hospital está intrinsecamente ligado à possibilidade de colaborar de forma mais estreita com o Serviço Nacional de Saúde (SNS). Jaime Ramos, médico e presidente da Fundação ADFP, sublinha que o Hospital está preparado para assumir um papel ainda mais relevante assim que iniciar a actividade cirúrgica diária.

O objectivo passa por contribuir directamente para a redução das listas de espera de cirurgias e consultas de especialidade no SNS. Contudo, o dirigente aponta um entrave administrativo: a assinatura de um acordo de cooperação, prevista para Dezembro de 2025, foi adiada por decisão do Director Executivo do SNS. A Fundação aguarda, agora, que o Governo desbloqueie este impasse para permitir uma resposta mais célere e económica aos doentes da região.

Para a população de Miranda do Corvo e concelhos limítrofes, o Hospital Compaixão representa uma alternativa de proximidade que evita deslocamentos frequentes ao centro urbano de Coimbra. Esta descentralização é vista como um factor essencial para a coesão territorial e para a melhoria dos indicadores de saúde regionais.

Com uma visão focada na inovação e na resiliência, a instituição projecta continuar o seu percurso de crescimento nos próximos anos, mantendo o compromisso com uma gestão eficiente e um atendimento humanizado.



Jaime Ramos e a equipa assinam 4.º aniversário da unidade hospitalar

ALUNOS DO S. TEOTÓNIO NO PÓDIO DO CONCURSO CENTRO CIRCULAR

A final regional da 5.ª Edição do Concurso Regional Centro Circular decorreu no TUMO, reunindo os alunos finalistas dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico da região Centro. A iniciativa, promovida pela CCDD Centro, é dedicada à promoção da economia circular e de práticas mais sustentáveis junto das camadas mais jovens. Na categoria do 2.º ciclo, os três primeiros lugares foram conquistados por alunos do Colégio de S. Teotónio, em Coimbra: João Tiago dos Santos Martins Monteiro, Daniel Lopes Dinis, Santiago Vieira Martins. A Região Metropolitana de Coimbra felicitou os vencedores pelo “excelente desempenho e agradece a todos os alunos participantes que representaram esta região, nomeadamente do Colégio de S. Teotónio e da Escola Secundária Dr. Joaquim de Carvalho, pelo empenho, dedicação e entusiasmo demonstrados ao longo do concurso”. Na edição de 2025/2026, o concurso desenvolveu-se em três fases: um período competitivo online, que permitiu apurar os 12 alunos mais pontuados de cada ciclo em cada Comunidade Intermunicipal; as semifinais intermunicipais, realizadas em formato presencial, nas quais foram seleccionados os três alunos mais pontuados de cada ciclo; e a final regional, onde foram apurados os três vencedores de cada ciclo.

SANTA CASA APOIA PEREGRINOS RUMO A FÁTIMA COM UNIDADE MÓVEL RISIMET

A Santa Casa da Misericórdia de Coimbra vai integrar o projecto municipal “Fátima 2026: Caminhos Seguros”, disponibilizando a Unidade Móvel RISIMET para apoio aos peregrinos que atravessam o concelho rumo a Fátima. A iniciativa, desenvolvida em articulação com os serviços municipais de Protecção Civil, pretende reforçar as condições de segurança, acolhimento e assistência nos percursos e zonas de repouso identificados para a passagem dos peregrinos. Entre 8 e 11 de Maio, a Unidade Móvel RISIMET funcionará como ponto de apoio, assegurando descanso, conforto e cuidados pontuais a quem necessite. Para o efeito, estão abertas inscrições para voluntários nas áreas de Fisioterapia, Massagem, Enfermagem e Voluntariado Geral, em turnos de quatro horas. Os voluntários vão colaborar no acolhimento, distribuição de água, chá, café, sandes e fruta, bem como na prestação de cuidados de enfermagem e fisioterapia. As inscrições decorrem em <https://bit.ly/FATIMA2026>. Mais informações: 912 924 289 ou 239 823 043.

PSP DE COIMBRA VAI REFORÇAR POCIAMENTO DE PROXIMIDADE

O Comando Distrital da PSP de Coimbra assinalou na parte final da semana passada (quinta-feira) o seu Aniversário, em cuja cerimónia participou o Secretário de Estado Adjunto e da Administração Interna, Paulo Ribeiro e, naturalmente, o comandante da corporação, Sérgio Ferreira Loureiro, e respectivos quadros. Além da leitura do nível de segurança no distrito, das intervenções resultou a ideia ser propósito da PSP de Coimbra reforçar o policiamento de proximidade medida que, a acontecer, a comunidade aplaudiria e agradecerá.

FACTOS DA SEMANA

FACULDADE DE DIREITO DE COIMBRA FOI BERÇO JURÍDICO DA DEMOCRACIA

No âmbito das comemorações dos 50 anos da Constituição da República Portuguesa, o Presidente da Assembleia da República, José Pedro Aguiar-Branco, esteve no Colégio da Trindade para homenagear o legado da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC), nomeadamente o papel central desta Escola na redacção do texto de 1976, mas também foi um momento de debate sobre as ameaças actuais à democracia. O reconhecimento do papel da FDUC foi o fio condutor da intervenção de Aguiar-Branco, destacando que a Constituição de 1976 é o reflexo de um encontro de diferentes escolas jurídicas e tradições de pensamento, tendo beneficiado profundamente da qualidade do debate proporcionado pela Faculdade de Direito de Coimbra. Entre os protagonistas foram evocados nomes que deixaram uma marca indelével na Assembleia Constituinte, como Manuel Costa Andrade, António Barbosa de Melo, Carlos Mota Pinto e Vital Moreira. A estes somou-se o contributo técnico e doutrinário de professores como Figueiredo Dias e Gomes Canotilho que, mesmo não sendo deputados à época, foram decisivos na estruturação do pensamento jurídico-constitucional. Para o Presidente da AR, antigo estudante de Direito da Universidade de Coimbra, a Constituição de 1976 reflecte “diferentes escolas jurídicas, diferentes tradições de escrever, de pensar e de interpretar a lei”. Aguiar Branco salientou que o constitucionalismo democrático português, apesar de historicamente recente, beneficiou “e de que maneira” do encontro de diferentes tradições e pensamentos, sustentando que “a Constituição soube ser um texto compromissório, mas não uma sobreposição de projectos, e para tudo contribuiu a escola de Coimbra - para o pluralismo da discussão, para a qualidade do debate e para a articulação tão harmoniosa quanto possível de posições tensionais”. Coimbra contribuiu para que o texto fundamental fosse um “texto compromissório” e não uma mera sobreposição de projectos, permitindo uma articulação harmoniosa entre posições inicialmente tensas”, acrescentou. E a terminar a sua intervenção, o presidente da AR desejou que esta conferência onde participou “faça justiça ao papel de Coimbra na redacção da Constituição e que, sobretudo, a sua Universidade continue a formar boas gerações de juristas, capazes de desafiar o país a construir a democracia”. Citando o Vice-Reitor João Nuno Calvão da Silva – “a democracia não se pode dar por adquirida e hoje sofre efectivos e reais ameaças à sua existência” – Aguiar Branco salientou que “é de futuro, de muito futuro” que o país necessita para preservar as conquistas de Abril. O painel “Arquitectos da Constituição” permitiu um regresso às memórias da Assembleia Constituinte, através dos testemunhos de Manuel Costa Andrade e Vital Moreira. Este enfatizou o sucesso histórico do documento, notando que, das seis constituições da história de Portugal, a de 1976 é a única que efectivamente domina a vida política com êxito duradouro. Este sucesso deve-se, segundo o constitucionalista, à capacidade de adaptação do texto através de revisões oportunas que foram “cortando galhos secos” e respondendo a novos problemas sociais e políticos. Por sua vez, Manuel Costa Andrade, antigo presidente do Tribunal Constitucional, embora defenda que não existe um problema constitucional de fundo em Portugal, apontou a necessidade de ajustes em pontos específicos e destacou a urgência de rever o preceito que limita a intromissão nas telecomunicações apenas ao processo criminal. Segundo Costa Andrade, esta limitação prejudica a eficácia do Estado em áreas críticas como a luta contra o terrorismo e a segurança nacional, que exigem acesso a esses meios fora do âmbito estrito da perseguição de crimes já consumados. Nesta sessão, promovida pela Faculdade de Direito de Coimbra, foi lançado um livro de estudos de 2 volumes e 2.700 páginas para assinalar os 50 anos da Constituição. Não se afastando a necessidade de ir revendo pontualmente a Constituição, houve unanimidade no reconhecimento do papel, longevidade e actualidade da Constituição como pilar do desenvolvimento democrático do país.



Vital Moreira, João Nuno Calvão da Silva e Costa Andrade

FÁTIMA, OS CAMINHOS DA ESPERANÇA E DA GRATIDÃO

Há caminhos que, por estes dias, deixam de ser apenas estradas, cruzamentos e bermas para se transformarem em lugares de fé, de silêncio e de resistência. Em direcção a Fátima, milhares de peregrinos seguem a pé, vindos de diferentes pontos do país, unidos por uma mesma meta, mas movidos por razões profundamente pessoais. Uns caminham por promessa. Outros por gratidão. Muitos outros levam no coração pedidos que não se dizem em voz alta, dores antigas, memórias de quem já partiu, doenças, recomeços, angústias ou esperanças. Cada passo tem um peso próprio. Cada quilómetro vencido é também uma forma de oração.

A Peregrinação Internacional de 12 e 13 de Maio volta a fazer de Fátima o centro de uma das maiores manifestações de devoção popular em Portugal e na Europa. A celebração evoca a primeira aparição de Nossa Senhora aos três pastorinhos, em 1917, e será este ano presidida por Rui Valério, patriarca de Lisboa.

No Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, na Cova da Iria, estão previstos os momentos mais marcantes da peregrinação: a bênção das velas, o rosário, a Procissão das Velas na noite de 12 de Maio, a missa internacional e, no dia 13, a tradicional Procissão do Adeus. São celebrações que todos os anos juntam milhares de fiéis e que continuam a tocar crentes e não crentes pela força interior que transportam.

Mas antes da chegada ao recinto do Santuário há um outro cenário que merece atenção: a estrada. Nos dias que antecedem a peregrinação, muitas vias nacionais e municipais registam a presença de grupos de peregrinos que caminham, muitas vezes durante horas, em condições exigentes. Há cansaço, há percursos longos, há troços com pouca iluminação e há bermas estreitas. Por isso, a segurança deve ser uma responsabilidade partilhada.

A GNR tem vindo a reforçar o acompanhamento dos peregrinos, com acções de sensibilização, patrulhamento e apoio nas principais rotas de acesso a Fátima. O objectivo é prevenir acidentes e garantir que quem caminha o possa fazer com maior protecção. Ainda assim, a prudência de todos é indispensável.

Aos condutores pede-se atenção redobrada. Reduzir a velocidade ao aproximar-se de grupos de peregrinos, manter distância de segurança, evitar ultrapassagens perigosas e estar particularmente atento durante a noite, ao amanhecer e ao anoitecer são gestos simples que podem salvar vidas. Quem segue ao volante deve lembrar-se de que, na berma, caminham pessoas cansadas, vulneráveis e concentradas num percurso que é físico, mas também espiritual.

Também os peregrinos devem cumprir as recomendações de segurança: caminhar em fila única, usar colete reflector, evitar auscultadores, seguir preferencialmente pela berma contrária ao sentido do trânsito e respeitar as indicações das autoridades. A fé não dispensa o cuidado. Pelo contrário, exige-o.

Fátima é, todos os anos, lugar de chegada. Mas é também feita de todos os caminhos que até lá conduzem. Caminhos de esperança, porque muitos seguem à procura de força para continuar. Caminhos de gratidão, porque outros caminham para agradecer o que receberam ou esperam receber. Caminhos de vida, porque cada peregrino leva consigo uma história que merece respeito. Nestes dias, a estrada deve ser mais do que um espaço de passagem. Deve ser um lugar de atenção, de responsabilidade e de humanidade. Porque quem caminha para Fátima não leva apenas uma mochila às costas. Leva fé, leva cansaço, leva promessas, leva família, leva saudade, leva esperança.

E todos podemos ajudar a que chegue em segurança.



Peregrinos seguem a pé rumo a Fátima, movidos pela fé, pela esperança e pela gratidão, numa caminhada que pede também atenção e respeito nas estradas

CÂNDIDO MALVA: “QUERO APROXIMAR TAVEIRO, AMEAL E ARZILA DE COIMBRA”

Cândido Malva, presidente da União de Freguesias de Taveiro, Ameal e Arzila, fala ao Campeão das Províncias sobre os primeiros seis meses de mandato, a força das colectividades, os desafios da habitação, as acessibilidades, o Paul de Arzila e a importância de uma política feita com proximidade.

Campeão das Províncias [CP]: Faz agora seis meses que tomou posse. Está arrependido de ter aceitado este desafio?

Cândido Malva [CM]: Não estou arrependido. Já conhecia a realidade autárquica, embora agora com responsabilidades diferentes. Sabia ao que vinha e continuo convicto de que vale a pena trabalhar pela minha terra e pelas suas pessoas.



Cândido Malva, presidente da União de Freguesias de Taveiro, Ameal e Arzila, defende uma política de proximidade, feita com escuta, compromisso e valorização do território

“
A equipa não sou só eu nem o executivo. A equipa é quem quiser trabalhar pela comunidade

[CP]: Como se sente no exercício das funções de presidente da União de Freguesias?

[CM]: Sinto-me motivado. Há dificuldades, naturalmente, mas também há muita vontade de fazer. Quando entro num projecto, gosto de o fazer bem, com princípios, valores e respeito pelas pessoas.

[CP]: A proximidade parece ser uma palavra central no seu mandato. É essa a sua forma de estar?

[CM]: Sim. O poder local vive dessa presença diária. As pessoas sabem onde estamos, conhecem-nos e falam connosco directamente.

Eu costumo dizer: falem comigo, mesmo que seja para me chamar a atenção. Só assim conseguimos corrigir e melhorar.

[CP]: Que relação encontrou com as colectividades da freguesia?

[CM]: Encontrei uma enorme disponibilidade. Na primeira reunião com as colectividades, das 19 existentes, estiveram presentes 17, com 38 representantes. Nas reuniões seguintes, a participação foi ainda mais forte. Isso mostra que há vontade de trabalhar em conjunto.

[CP]: Essa dinâmica associativa é uma das riquezas da União de Freguesias?

[CM]: Sem dúvida. Temos colectividades antigas, activas e com grande valor, como os Grupos Folclóricos de Arzila e Taveiro, o Grupo de Teatro Loucomotiva, o clube de futebol JDRA e a Filarmónica, que tem mais de século e meio de história, entre outras, com menos anos de vida, mas também muito dinâmicas. São to-

das estas instituições que dão identidade, cultura e vida à comunidade.

[CP]: Taveiro, Ameal e Arzila estão muito perto de Coimbra, mas nem sempre parecem suficientemente integradas na cidade. Como olha para essa questão?

[CM]: Coimbra não é apenas o centro urbano. A nossa União de Freguesias faz parte de Coimbra e tem condições para se afirmar mais. Estamos perto, temos qualidade de vida, temos património natural e temos pessoas com vontade de fazer. É preciso colocar mais esta zona no mapa.

[CP]: As acessibilidades continuam a ser um problema?

[CM]: São uma preocupação importante. A qualidade de vida também passa pelo tempo que as pessoas perdem nas deslocações. Há pontos críticos que precisam de solução e é fundamental que as entidades competentes olhem para eles com seriedade.

[CP]: O Paul de Arzila é um dos espaços naturais mais relevantes da freguesia. Está suficientemente valorizado?

[CM]: Não está. É um espaço muito bonito, com enorme potencial, mas que precisa de ser mais cuidado e aproveitado. Temos falado com várias pessoas e há vontade de encontrar soluções que permitam valorizar aquele património natural e torná-lo mais acessível à população.

[CP]: A habitação é hoje uma preocupação em Coimbra. A sua freguesia pode ajudar a responder a esse problema?

[CM]: Penso que sim. Há procura por esta zona e há terrenos que, dependendo da revisão do PDM, poderão permitir novas soluções habitacionais. É preciso criar condições, com equilíbrio, para que mais pessoas possam viver aqui.

[CP]: As freguesias têm meios suficientes para responder às ne-

cessidades das populações?

[CM]: Os meios são sempre limitados. As receitas próprias são reduzidas e dependemos muito dos apoios do Estado e da Câmara Municipal. Ainda assim, não podemos ficar parados. Temos de trabalhar, procurar soluções e estabelecer parcerias.

[CP]: Considera que o poder central ouve suficientemente o poder local?

[CM]: Nem sempre. Quem está no terreno conhece melhor a realidade das pessoas. Não se conhece uma freguesia por fotografias ou relatórios; conhece-se indo ao local, falando com as pessoas e percebendo os seus problemas.

[CP]: A futura linha de alta velocidade preocupa algumas populações da freguesia?

[CM]: Sim, há preocupação. Pelos estudos conhecidos, poderão existir impactos em casas e terrenos. É natural que as pessoas fiquem apreensivas. Quem trabalhou uma vida para construir a sua casa não encara de ânimo leve a possibilidade de a perder. O meu papel é acompanhar, ouvir e procurar que a população seja respeitada.

“
O poder local conhece a realidade porque está todos os dias junto das pessoas

[CP]: Também presidente à Academia do Bacalhau de Coimbra. Que importância tem essa dimensão solidária na sua vida?

[CM]: Tem muita importância. Entrei na Academia em 2018 e

estou agora no segundo ano como presidente. A Academia do Bacalhau tem como principal objectivo a solidariedade. Reunimo-nos, convivemos, mas, acima de tudo, procuramos ajudar instituições e pessoas.

[CP]: Como funciona essa ajuda?

[CM]: Sempre que possível, procuramos realizar os nossos encontros em instituições de solidariedade. Pagamos a refeição e deixamos também um donativo. É uma forma simples, mas muito concreta, de apoiar quem trabalha diariamente pelos outros.

[CP]: O seu percurso profissional no Crédito Agrícola também lhe deu essa ligação às pessoas?

[CM]: Sim. Tenho 34 anos de Crédito Agrícola e sempre valorizei a proximidade, sendo também um dos lemas do Grupo Crédito Agrícola. O banco, sobretudo em territórios como o nosso, não é apenas uma instituição financeira; é também uma relação de confiança com as pessoas, com os agricultores, com as famílias e com a economia local.

[CP]: Que marca gostaria de deixar neste mandato?

[CM]: Gostaria de deixar uma freguesia mais próxima, mais valorizada e mais unida. Quero fazer o que estiver ao meu alcance para melhorar a vida das pessoas de Taveiro, Ameal e Arzila.

[CP]: Que mensagem deixa aos habitantes da União de Freguesias?

[CM]: Que contem comigo, mas que participem também. A freguesia não se faz apenas com o presidente ou com o executivo. Faz-se com todos os que querem ajudar, construir e defender a sua comunidade.

TRANSFORMAR A EDUCAÇÃO: PARTE II

QUEM AINDA QUER ENSINAR?

MARCELO DOMINGUES

Portugal precisa de formar, atrair, colocar, fixar e ouvir professores. Tornar a docência uma profissão estável, reconhecida e possível tornou-se uma das questões centrais da escola pública.

O Governo estima que será necessário recrutar cerca de 20 mil docentes até 2029 e 39 mil até 2034. O máximo recente de diplomados em mestrados que habilitam para a docência ficou perto dos dois mil, no ano lectivo de 2023/2024, sinal de que a renovação da profissão avança abaixo do ritmo de que o sistema precisa.

A crise atravessa a formação, o salário, a progressão, a colocação, o custo de vida, a organização escolar, as condições materiais, a burocracia, o tempo pedagógico e o reconhecimento público.

Esta reportagem integra a série “Transformar a Educação”, construída a partir das intervenções, debates e dados discutidos na Grande Conferência Educação e Transformação 2026, realizada em Coimbra e promovida pela WIN World, em parceria com a Fundação Pedro Queiroz Pereira. Ao longo destas publicações, uma pergunta orienta o leitor: como transformar, de facto, a Educação em Portugal?

A profissão antes dos números

António Sampaio da Nóvoa, professor e titular da Cátedra Futuros da Educação da UNESCO, coloca a profissão no centro da escola pública. “Hoje, como sabemos, toda a gente fala sobre a Educação. Comentadores, jornalistas, influenciadores, académicos, cientistas, todos falam. Todos falam, menos os professores”, afirma.

Devolver voz aos professores significa reconhecer a sua autoridade profissional para experimentar, avaliar, partilhar práticas e construir transformação a partir do trabalho pedagógico. Sem essa dimensão pública, os docentes são chamados a responder à



A escola pública depende de professores com estabilidade, recursos e tempo para acompanhar os diferentes ritmos dos alunos

inclusão, à tecnologia, à saúde emocional dos alunos e à transformação pedagógica, mas continuam à margem das decisões que reorganizam a escola.

Carreira e envelhecimento

O mais recente Inquérito Internacional sobre Ensino e Aprendizagem aponta para uma crise demográfica inequívoca. Os professores portugueses têm, em média, 51 anos, com seis em cada dez com 50 ou mais anos. Apenas 3% têm menos de 30 anos. Na OCDE, a média é de 45 anos e 10% dos docentes têm menos de 30.

Portugal precisa de substituir uma geração de professores e atrair outra para uma profissão exigente, longa e cada vez mais pressionada. A oferta de formação está mais concentrada no Centro e no Norte. Lisboa, Península de Setúbal e Algarve surgem entre os territórios mais atingidos pela falta de docentes.

A carreira docente tem dez escalões. Numa progressão regular, um professor chega ao último ao fim de cerca de 34 anos. A passagem por alguns escalões depende de vagas, excepto nos casos de docentes dispensados por avaliação de Muito Bom ou Excelente.

A OCDE assinala que, entre 2015 e 2024, os salários reais médios dos professores do 1.º ciclo diminuíram 1,8% em Portugal, enquanto a média da OCDE subiu 14,6%. Nas

zonas onde a escassez é mais aguda, o custo de vida torna algumas colocações difíceis de aceitar.

O estudo “A Voz dos Professores”, desenvolvido por investigadores da Nova School of Business and Economics e da Universidade do Minho, mostrou que um em cada cinco professores admite abandonar a carreira nos próximos cinco anos. Entre os docentes com menos de 30 anos, a proporção sobe para cerca de metade. Sete em cada dez voltariam a escolher a profissão. Gostar de ensinar já não basta para ficar.

ocupar. Havia pelo menos um horário por preencher em 635 agrupamentos ou escolas não agrupadas, ou seja, 78% do total. Nesse momento, havia cerca de 16.400 docentes profissionalizados sem colocação.

O contraste revela um desencontro entre território, grupo disciplinar, tipo de horário, vínculo, custo de vida e disponibilidade real para aceitar determinadas colocações. Horários por preencher não correspondem automaticamente a alunos sem aulas, porque as escolas recorrem a substituições, horas extraordinárias e

Ao mesmo tempo, a escola pede reinvenção aos professores há décadas. Da telescola ao computador, da internet às calculadoras gráficas, das plataformas digitais à pandemia e à inteligência artificial, cada mudança acrescentou novas exigências. O tempo para preparar boas aulas não cresceu na mesma proporção.

Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas, coloca a organização escolar no centro do problema. A palavra que usa é directa: burocracia. “É brutal nas escolas”, afirma. “Os nossos professores têm um horário de trabalho de 35 horas. Mas, de facto, trabalham muito mais do que estas horas, muito motivados pela burocracia. Agora estamos num mapa digital, em plataformas. Os professores perdem mais tempo ao nível da burocracia e das respostas que têm de dar à tutela do que no tempo que têm para se relacionar”.

A OCDE confirma a pressão. Cerca de 79% dos professores portugueses apontaram o excesso de trabalho administrativo como fonte de stresse. A mesma percentagem referiu a responsabilização pelos resultados dos alunos. Setenta e sete por cento apontaram o excesso de correcção. Vinte e seis por cento declararam sentir muito stresse no trabalho.

Condições para exigir mudança

A formação docente é hoje chamada a responder a literacias digitais e culturais, competências emocionais, metodologias activas e turmas mais diversas. Para isso, são necessários acesso à internet, equipamentos, apoio técnico, equipas, assistentes, técnicos especializados, psicólogos, mediadores e tempo de formação.

Filipa Cunha, co-directora executiva do TUMO Portugal, afirma: “Ninguém faz omeletes sem ovos”. Sem rede, re-

curso e margem para experimentar, a inovação fica dependente do esforço individual. Recusa, por isso, a ideia de professores parados perante a mudança. Diz ver docentes a procurar formação, a candidatar projectos, a levar ferramentas para a escola e a discutir práticas com colegas dentro e fora do país. O problema não está apenas na vontade individual. Está nas condições que permitem transformar essa vontade em prática regular.



A renovação da profissão avança abaixo do ritmo de que o sistema precisa

As turmas tornaram-se mais diversas. Há mais alunos com necessidades específicas, mais alunos imigrantes, percursos escolares mais distintos e desigualdades de partida mais vincadas. Sem apoios fora da sala de aula, a responsabilidade regressa ao professor perante a turma.

Quem fala pela escola?

Nóvoa volta à voz pública dos professores. A profissão não existe apenas dentro das suas fronteiras, diz. Precisa de dimensão, reconhecimento e autoridade.

“Continuo a acreditar, 40 anos depois, que nada substitui um bom professor. Nada substitui uma boa professora. Não se conhece nenhum exemplo de um ser humano que tenha atingido o estatuto de adulto sem intervenção, na sua vida, de outros seres humanos adultos”.

E acrescenta: “Para nos tornarmos humanos, precisamos de outros humanos. E para nos educarmos, precisamos de professores. Sem eles, não haverá qualquer transformação da Educação e, muito menos, da escola pública”.

Sem salário, estabilidade, condições materiais, organização, tempo e voz pública, a responsabilidade atribuída aos professores transforma-se em peso. Com esses elementos, pode voltar a ser condição de um futuro melhor.

Professores em números

- Cerca de **39 mil** novos docentes serão necessários até 2034;
- A necessidade média anual aproxima-se dos **3.800** professores;
- O máximo recente de diplomados em mestrados que habilitam para a docência ficou perto dos **2 mil**;
- **60%** dos professores portugueses têm 50 ou mais anos;
- Apenas **3%** têm menos de 30 anos;
- **26%** declararam sentir muito stresse no trabalho.

Fontes: Governo, DGEEC/Nova SBE, DGAE, OCDE/TALIS 2024, OCDE/Education at a Glance 2025, Fundação Semapa, Nova SBE e Universidade do Minho.

Desencontro e tempo

No início do ano lectivo de 2025/2026, o Ministério da Educação indicava 2.410 horários pedidos pelas escolas ainda por

reorganização interna. São mecanismos que pressionam os professores em funções e reduzem a margem para acompanhamento individual dos alunos.

COIMBRA ACELERA: RALLY DE PORTUGAL PARTE HOJE DA CIDADE DO MONDEGO

Coimbra volta a estar no centro das atenções ao receber a partida oficial do Vodafone Rally de Portugal, uma das provas mais marcantes do calendário mundial da modalidade e um dos grandes eventos desportivos realizados em Portugal.

Depois das afinações finais feitas ontem no shake-down de Baltar, as equipas entram agora no verdadeiro ritmo competitivo. Coimbra dá o pontapé de saída para uma edição que promete muita estrada, muita terra, muito público e, claro, momentos daqueles que ficam na memória de quem acompanha o rally de perto.

A prova, organizada pelo Automóvel Club de Portugal, chega este ano com números impressionantes: 23 classificativas, cerca de 345 quilómetros cronometrados e um percurso total próximo dos 1.862 quilómetros. É a sexta ronda do Campeonato do Mundo de Rallies e volta a juntar alguns dos melhores pilotos do mundo em estradas portuguesas.

Mas, antes de tudo isso, há Coimbra. E Coimbra não é apenas um ponto de partida no mapa. É cenário, é ambiente, é história e é gente na rua. Entre a Alta, a Baixa, o Mondego e a energia tão própria da cidade, o rally



A festa começa em Coimbra, ganha alma no Centro, sobe de intensidade no Norte e termina com emoção em Fafe

encontra aqui uma moldura especial para iniciar mais uma edição.

A partida em Coimbra marca também o regresso em força da região Centro ao grande palco da competição. Esta quinta-feira, o primeiro dia competitivo leva a caravana até Águeda, Sever do Vouga, Albergaria-a-Velha e Figueira da Foz. É uma entrada a sério, com troços exigentes, bons pontos para o público e uma ligação clara entre o interior e o litoral.

Amanhã, sexta-feira, a região Centro volta a ter protagonismo com alguns dos nomes mais emblemáticos da história do Rally de Portugal: Mortágua, Arganil, Lousã e Góis. Para muitos adeptos, estas classificativas são quase sagradas. São lugares onde se sente o rally no pó, no som dos motores, nas curvas apertadas e nas

encostas cheias de público.

Arganil traz consigo a memória de grandes duelos. A Lousã junta dureza, beleza e exigência. Góis oferece autenticidade e paisagem. Mortágua reforça a ligação entre a técnica dos pilotos e o entusiasmo das populações. Juntos, estes troços ajudam a explicar porque é que o Rally de Portugal continua a ter uma relação tão forte com o Centro do país.

A edição deste ano conta com 23 classificativas, cerca de 345 quilómetros cronometrados e um percurso total próximo dos 1.862 quilómetros

No sábado, a prova segue para Norte, passando por

Felgueiras, Cabeceiras de Basto, Amarante e Paredes, antes da sempre aguardada superespecial da Lousada. Este é um dos momentos em que o rally se aproxima ainda mais do público, num formato mais compacto, intenso e fácil de acompanhar.

As grandes decisões ficam guardadas para domingo, com Vieira do Minho e Fafe a poderem ter uma palavra importante na classificação final. E falar de Fafe é falar daquele salto que já correu mundo. Durante segundos, os carros parecem voar, suspensos entre a coragem dos pilotos e a precisão das máquinas. É uma das imagens mais fortes do Campeonato do Mundo de Rallies.

Hoje, Coimbra volta a provar que sabe receber grandes momentos. A cidade dá a partida, a região Centro oferece alguns dos troços mais aguardados e o país prepara-se para vários dias de velocidade, emoção e espectáculo.

O Vodafone Rally de Portugal 2026 arranca com força, com 23 classificativas pela frente e com a ambição de continuar a ser uma das provas mais respeitadas do Mundial. E, este ano, tudo começa aqui: em Coimbra, onde o Centro mostra que não está apenas no caminho. Está no comando da partida.

INSPEÇÕES ADR
CENTRO DE CATEGORIA B

CIPABE
CENTRO DE INSPEÇÃO AUTOMÓVEL
Centro de Inspeção Periódica Auto das Beiras

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:
2.ª a 6.ª das 8:30h às 13h e das 14h às 19h
Sábados: 8:30h às 13h

Apoia o Rally de Portugal

Zona Industrial S. Miguel
3350-214 V.N. Poiares

☎ 239 423 028 | ✉ geral@cipabe.pt
www.cipabe.pt

ACESSO POR CORDAS
PROFISSIONAL

Antonio Ramos
Trabalhos Verticais

LIMPEZA DE TELHADOS | PINTURA DE FACHADAS | IMPERMEABILIZAÇÃO | LIMPEZA DE CALHAS | INSPEÇÃO E REPARAÇÃO

☎ 926 701 342 | ✉ antonio_ramos@hotmail.com
antonioramos.trabalhosverticais | Atendimento em toda a região

Arménio Cristóvão
Mecânico

☎ 913 403 672
239 348 234

📍 Rua do Salão, Fornos Castel
3150 - 280 Sebal

✉ armeniocristovoaoreparacoesauto@gmail.com

ILIDIO BENTO SOBRAL,
Unipessoal, Lda.

**Electricista
Canalizador**

Rua Simão da Cunha, 17 - Sanguinheda
3300-366 S. M. da Cortiça
Telem.: 91 966 9205 - Telef.: 239 455 582

SM

Stand Marques Dias

COMERCIO E REPARAÇÃO DE AUTOMÓVEIS
E.N 119, N.º 85, MATOS DO CARRIÇO | POMBAL

STAND 916 285 305 | José Augusto Marques Dias Tim.: 966 011 083 | OFICINA 236 959 270

ARGANIL
8 MAIO

Arganil 1 - 8:55
Arganil 2 - 12:25

Arganil Capital Rally

WRC

O ESPECTÁCULO COMEÇA ANTES DA PARTIDA

Cumprir as regras é essencial para proteger espectadores, pilotos, equipas e organização. Há um som que chega antes do carro. Primeiro, ao longe, quase como um aviso. Depois, cada vez mais perto, mais grave, mais rápido. Num rally, esse som é parte do espectáculo. Mas é também um lembrete: a velocidade encanta, mas não perdoa distrações.

A segurança dos espectadores é uma prioridade absoluta no Vodafone Rally de Portugal. A prova atrai milhares de adeptos, famílias, curiosos e apaixonados pelo automobilismo, mas há uma regra que deve estar acima de todas as outras: o melhor lugar para ver um rally é sempre o lugar seguro.

Ao longo dos troços, existem zonas especificamente destinadas ao público, devidamente assinaladas a verde. São esses os espaços preparados para receber espectadores,

oferecendo melhores condições de visibilidade e protecção. Todos os restantes locais devem ser considerados interditos. Ignorar a sinalização, aproximar-se demasiado da estrada ou procurar “um sítio melhor” fora das zonas autorizadas pode transformar um momento de festa numa situação de risco.

O rally é, por natureza, imprevisível. Os carros passam a alta velocidade, em pisos exigentes, muitas vezes com pouca margem de erro. Uma saída de estrada, uma travagem tardia, uma pedra projectada ou uma mudança inesperada de trajectória podem acontecer em segundos. Por isso, estar atento não é apenas recomendável: é indispensável.

A organização reforça que os espectadores devem posicionar-se em locais elevados, protegidos e com espaço suficiente para se movimentarem rapidamente, caso seja necessário. Estar abaixo do nível



No Rally de Portugal assistir nas zonas autorizadas e seguir as indicações da organização é essencial para proteger o público, os pilotos e toda a prova

do troço, encostado aos limites da estrada, junto a muros frágeis, vedações ou zonas de escapatória é uma escolha perigosa. O mesmo se aplica a quem bloqueia acessos, vias de emergência ou permanece no troço antes da passagem dos carros.

A segurança no rally não depende apenas de barreiras, placas ou equi-

pas no terreno. Depende também do comportamento de cada pessoa. Agentes da autoridade e elementos da organização estão presentes para orientar, prevenir e intervir. Seguir as suas instruções é uma forma directa de proteger a prova, os pilotos e todos os que assistem.

Há regras simples que fazem toda a diferença.

Nunca se deve caminhar no troço nos 30 minutos anteriores à passagem do primeiro carro. Nunca se devem remover setas, sinais ou qualquer elemento de orientação. Nunca se deve permanecer em zonas proibidas, atravessar a estrada sem autorização ou ficar distraído com telemóveis, fotografias ou conversas no momento da

aproximação dos carros.

Do outro lado, há comportamentos que devem ser permanentes: ver a prova apenas nas zonas destinadas ao público, ouvir os carros em aproximação, manter as crianças sempre supervisionadas, prender os cães com trela e procurar protecção atrás de algo sólido e resistente. Acima de tudo, é preciso “esperar o inesperado”, uma das regras mais importantes em qualquer rally.

O Vodafone Rally de Portugal é uma celebração de velocidade, técnica, coragem e paixão popular. Mas essa celebração só é possível quando todos respeitam o espaço da prova. Pilotos precisam de estrada livre. Equipas precisam de condições para trabalhar. Autoridades precisam de acessos desimpedidos. Espectadores precisam de regressar a casa em segurança.

No rally, cada segundo conta. Também fora da estrada.

RALLY DE PORTUGAL PASSA POR GÓIS ESTA SEXTA-FEIRA

O Vodafone Rally de Portugal já está na estrada e esta sexta-feira, 8 de Maio, todas as atenções se viram também para Góis, que recebe a classificativa SS8 – Góis, uma das passagens do dia dedicada à dureza e beleza dos troços da região Centro. A especial está prevista para as 13h25, com 15,66 quilómetros cronometrados, integrada numa jornada que inclui ainda Mortágua, Arganil e Lousã.

Em Góis, o rally volta a cruzar paisagens de serra, estradas exigentes e zonas onde a velocidade se mistura com a técnica. Este ano, a classificativa surge apenas com uma passagem e em sentido inverso face a edições anteriores, o que acrescenta dificuldade aos pilotos e interesse para os adeptos. A organização descreve o troço como rápido e sem margem para erro, com a paisagem das cumeadas de Góis a servir de cenário a um desafio que promete ser decisivo



Góis volta a receber o Rally de Portugal, com uma classificativa em terra marcada pelas exigentes estradas serranas do concelho

na gestão do dia.

Durante algumas horas, Góis torna-se ponto de encontro de aficionados, visitantes e moradores, com zonas de espectáculo preparadas para receber o público em segurança. O município prevê transporte gratuito a partir da vila de Góis e zonas de restauração nas áreas destinadas aos espectadores.

Mas a festa exige responsabilidade. A cor verde assinala os locais autorizados para o público; todas as restantes zonas devem ser consideradas interditas. A recomendação é simples:

chegar cedo, respeitar a sinalização, seguir as indicações dos marshals e manter crianças e animais sempre vigiados. No dia 8, há ainda condicionamentos de trânsito entre as 00h00 e as 18h00, com circulação limitada a moradores em várias localidades do percurso.

Entre o som dos motores e o silêncio da serra antes da primeira passagem, Góis prepara-se para receber um dos grandes espectáculos do automobilismo mundial. A emoção está garantida; a segurança depende de todos.

PUBLICIDADE

RALLY DE PORTUGAL

GÓIS 8 MAIO 2026

SS8 - 13H20

UMA PASSAGEM NO MELHOR DESTINO

GÓIS AQUI, ESTÁS COMO QUERES.

Góis município

Turismo Centro Portugal

Vodafone Rally de Portugal

acp

WRC

FIGUEIRA DA FOZ RECEBE SUPER ESPECIAL DO RALLY COM O ATLÂNTICO COMO PANO DE FUNDO



A Figueira da Foz recebe a Super Especial do Rally de Portugal junto ao Forte de Santa Catarina, num traçado urbano com o Atlântico como pano de fundo

A Figueira da Foz volta a entrar no mapa do WRC Vodafone Rally de Portugal e fá-lo à sua maneira: com uma Super Especial curta, intensa e desenhada para aproximar o público da acção. A passagem pela cidade está marcada para hoje, 7 de Maio, às 18h05, encerrando o primeiro dia competitivo da prova, que decorre entre 7 e 10 de Maio. No calendário, surge como SS3 — Figueira da Foz, uma classificativa de 1,93 quilómetros que promete trocar a longa resistência dos troços de terra pelo espectáculo concentrado de uma arena urbana.

O traçado apresenta-se renovado e ficará instalado junto ao Forte de Santa Catarina, aproveitando o parque

de estacionamento situado em frente para criar uma espécie de anfiteatro automóvel, com bancadas e zonas preparadas para o público. É rally, sim, mas com cenário de postal: motores em alta rotação, pneus a chiar no asfalto e o azul do Atlântico a fazer de pano de fundo.

Ao contrário das classificativas serranas, onde a distância, o pó e a paciência fazem parte do programa, a Super Especial da Figueira da Foz vive da proximidade. Aqui, o espectáculo é mais compacto, mais visual e mais imediato. Cada travagem conta, cada trajectória é vista ao detalhe e qualquer pequena hesitação pode custar décimos preciosos. Para os pilotos, é um exercício de precisão; para os adeptos,

uma oportunidade rara de ver máquinas do Mundial de Rallies em ambiente quase de estádio.

A escolha da cidade reforça também a ligação entre a prova e a região Centro, que volta a ter forte presença no percurso de 2026. Depois de etapas em zonas de terra e serra, a Figueira da Foz oferece outro registo: urbano, atlântico e pensado para atrair famílias, curiosos e apaixonados pela modalidade. A autarquia apresenta o evento como um momento de adrenalina e apela ao cumprimento das zonas de segurança, elemento essencial numa prova em que a emoção só faz sentido quando é vivida com responsabilidade.

Com esta Super Especial, a Figueira da Foz volta a ser mais do que ponto de passagem. Será palco, montra e bancada privilegiada para o arranque competitivo do Rally de Portugal. No fim da tarde de hoje, entre o forte, o mar e o rugido dos carros, a cidade prepara-se para receber uma daquelas imagens que ficam bem na fotografia e ainda melhor na memória de quem lá estiver.

ARGANIL VOLTA A ACELERAR NO RALLY COM TROÇO RENOVADO E DUPLA PASSAGEM

Arganil volta a vestir-se de pó, motores e bancada natural para receber o WRC Vodafone Rally de Portugal, numa edição que traz novidades relevantes para um dos troços mais históricos e reconhecidos da prova. A passagem pelo concelho está marcada para amanhã, 8 de Maio, com duas classificativas: Arganil 1, às 8h55, e Arganil 2, prevista no programa oficial para as 12h30. Pelo meio, o centro da vila recebe ainda o Reagrupamento e Assistência Remota, no Parque Verde Urbano do Sub-Paço, a partir das 11h27.

A grande novidade está no desenho do troço. Em 2026, a classificativa de Arganil será disputada em sentido inverso ao habitual, com partida no Alqueve e chegada junto à mítica Casa do PPD, num percurso de 18,62 quilómetros — ou cerca de 19 quilómetros — na indicação municipal. A alteração não é apenas cosmética: muda referências, travagens, leituras de curva e obriga pilotos e navegadores a olharem para Arganil com olhos novos, mesmo quando a memória lhes diz que já conhecem cada pedra do caminho.

Entre a Serra do Açor e a paixão antiga dos adeptos,

Arganil mantém o estatuto de território onde o rally é quase uma romaria com capacidade, cronómetro e cheiro a terra quente. O traçado continua a ser apresentado como um dos mais exigentes e emblemáticos do Rally de Portugal, agora com uma configuração que promete acrescentar dificuldade técnica e novas dinâmicas competitivas. A conhecida Zona dos Saltos ganha também outra vida, este ano em sentido ascendente, prometendo uma leitura diferente para quem conduz e para quem assiste.

Para receber o público, foram preparadas três Zonas de Espectáculo — Esculca,

Voo Livre e Pai das Donas, além da Zona dos Saltos, junto à Casa do PPD. A organização aponta ainda para estacionamentos próximos das zonas autorizadas, quiosques e bares de apoio, procurando equilibrar aquilo que todos querem: boa visibilidade, emoção e segurança.

A autarquia lançou também um Guia do Espectador, com horários, acessos, estacionamento, condicionamentos de trânsito e informação útil para quem pretende acompanhar a classificativa no terreno. Na sexta-feira, a serra volta a falar alto e, em Arganil, isso costuma ouvir-se muito antes de se ver o primeiro carro.



Arganil volta a receber o Rally de Portugal, com dupla passagem por um troço renovado, disputado em sentido inverso e com chegada junto à mítica Casa do PPD

**POWERED BY PASSION
SUSTAINABLE BY CHOICE**

**FIGUEIRA DA FOZ
SUPER SPECIAL STAGE**

18H05 - 7.5.2026

AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL

**BILHETES JÁ DISPONÍVEIS
€30 RALLYDEPORTUGAL.PT
LOJAS ACP**

RALLYDEPORTUGAL.PT

MEIRINHAS “MANDA A TEMPESTADE KRISTIN À FAVA”

“Mandar a tempestade Kristin à fava” é o mote para a edição deste ano do Festival da Fava de Meirinhas, no concelho de Pombal, que vai homenagear quem mais ajudou a freguesia a recuperar da calamidade. Entre amanhã (dia 8) e domingo (10) vão ser servidos 1.200 quilos de favas no já tradicional festival de Meirinhas, a edição com a maior safra de sempre, refere o presidente da Junta de Freguesia, João Pimpão. “É um ano espectacular para as favas. A colheita está a correr muito, muito bem. As favas estão a dar mais do que é habitual. É a melhor colheita de sempre e acho que também é um sinal que o planeta nos está a dar depois do que passámos”, diz. Neste festival, tudo tem início em Novembro do ano anterior, com a plantação das leguminosas, por parte da comunidade. “Agora, estamos a colher as favas. Esta

semana vamos debulhar as favas e no fim-de-semana todas as associações da freguesia organizam, em conjunto, o Festival da Fava”. Na tarefa de preparação das leguminosas participam, explicou João Pimpão, “nas horas livres”, alunos do Centro Escolar de Meirinhas, e “a rapaziada do Centro Social do Lar da Felicidade também vai debulhar favas. Isto é uma questão que une toda a comunidade, desde o mais velho ao mais novo. É um evento 100% colaborativo”. Mas esta edição será especial, porque “se conseguiu fazer o evento, mesmo com tudo o que aconteceu”. “E, por outro lado, queremos reconhecer a quem nos ajudou a ter condições para o conseguir fazer, embora ainda tenhamos gente sem telefone fixo, sem televisão. Mas, mesmo assim, conseguimos dobrar o cabo da Boa Esperança”.

FIGUEIRA DA FOZ TEVE SALDO POSITIVO DE 244 MIL EUROS



A receita em 2025 aumentou 11 milhões de euros

A Câmara da Figueira da Foz registou em 2025 um resultado líquido positivo de 244 mil euros, de acordo com o relatório de prestação de contas aprovado por maioria. Para o presidente da autarquia, Pedro Santana Lopes, o resultado reflecte uma “situação financeira controlada, na linha do que o executivo procura seguir”. “Temos uma situação financeira absolutamente controlada”, disse o autarca, salientando que 2025 foi um ano de forte investimento ao mesmo tempo que foi possível reduzir a dívida em 10% para os 17 milhões de euros. O presidente da Câmara sublinhou ainda o facto de o revisor de contas não ter apen-

tado qualquer reserva ao documento. O Município da Figueira da Foz contabilizou em 2025 uma receita de 79,5 milhões de euros, o que representa um aumento de 11 milhões relativamente ao ano anterior, com destaque para o aumento de 10% na rubrica dos impostos directos. O pagamento de derrama cresceu 41,30%, passando de 3,1 milhões para 4,4 milhões, o Imposto Municipal sobre Transmissões Onerosas de Imóveis (IMT) 5,7%, dos 8 milhões para os 8,5 milhões e o IMI 6,38%, aumentando dos 13,3 milhões para os 14,2 milhões. As receitas de capital efectivas ascenderam a 16,5 milhões, representando um acréscimo de 5,7 milhões. A despesas em 2025 totalizaram 75,9 milhões, com destaque para o aumento dos gastos com pessoal que subiu 11,4%, subindo dos 20,5 milhões para os 22,8 milhões. O documento foi aprovado com os votos favoráveis da maioria da coligação PSD/CDS-PP e as abstenções dos dois vereadores do PS e o único eleito do Chega.

MUNICÍPIO ADQUIRE AGROPECUÁRIA CONTESTADA PELA POPULAÇÃO

A Câmara da Figueira da Foz assina, esta quinta-feira, o contrato de compra e venda do espaço de uma exploração agropecuária no concelho, muito contestada pela população. O presidente da autarquia, Pedro Santana Lopes, disse que a aquisição daquela exploração situada em Carvalhais de Lavos, na freguesia de Lavos, na zona sul do concelho, vai ser concretizada pelo valor de 400 mil euros, a pagar em dois anos. Há vários anos que a população de Carvalhais de Lavos exigia o fecho imediato da suinicultura existente na localidade há cerca de 40 anos, por motivos ambientais e de saúde pública. Os habitantes queixavam-se de que a situação ambiental se agudizou nos últimos 15/20 anos, ao ponto de a população sofrer um atentado ambiental com cheiros nauseabundos e contami-

nação das linhas de água. Denunciavam ainda pavilhões construídos de forma ilegal e queixavam-se também da incapacidade dos organismos envolvidos no processo para encerrar a empresa de exploração agropecuária, cuja sede está localizada em Alcobaca. “Acabar com este problema de vários anos é algo que me enche de satisfação”, sublinha Santana Lopes. Segundo o autarca, a empresa de suinicultura, que conta com mais de 300 animais, tem um prazo acordado de cinco meses para desocupar as instalações e os terrenos, que se estendem por uma área de quatro hectares. “Vamos ver o que será o futuro daquele espaço. Para já, vamos medir os níveis de poluição dos solos e outras e ver o que é aconselhável ali fazer, embora gostasse que fosse habitação, que é o que faz falta”, sublinha.

PIC-NIC DOS LEITÕES

46
anos
1980-2026



- DE -
Sandra Gaspar

Restaurante
Com Matadouro Próprio

ALMOÇOS • JANTARES

Encerra ao Sábado



Telf. 231 202 343 • Tel./Fax: 231 208 298

Estrada Nacional n.º 1 (em frente ao Parque da Cidade) • Av. da Floresta, 61 • 3050-347 Mealhada

BASQUETEBOL REMO E TÊNIS DE MESA EM DESTAQUE NO GINÁSIO FIGUEIRENSE

O Ginásio voltou a afirmar-se em várias frentes desportivas, com atletas convocados para seleções distritais e nacionais, bons resultados na formação, medalhas no remo e prestações de relevo no ténis de mesa. No basquetebol, Afonso Simões, Alexandre Azenha, David Tesouro, Diogo Lourenço, Enzo Pez e Manuel Moraes participaram no treino da Selecção Distrital de Mini 12 da Associação de Basquetebol de Coimbra, integrado no percurso "Rumo a Paços de Ferreira". Também Bernardo Bento, Guilherme Leal, Luís Figueiredo e Rodrigo Rodrigues foram chamados à Selecção Distrital de Sub-17, no âmbito do projecto "Rumo a Tomar 3x3". As equipas de formação tiveram um fim-de-semana intenso. Os Sub-16 B venceram o BC Tomar por 78-65, enquanto os Sub-16 A derrotaram as Estrelas Brigantinas por expressivos 105-30, na Taça Nacional. Os Sub-14 perderam com a ASSCC por 76-54 e os Sub-18 foram batidos pelo Beira-Mar, em Aveiro, por 101-54. A equipa sénior Casino Ginásio terminou a participação na Proliga com uma derrota frente ao Illiabum Margres, por 76-69, encerrando a época no 7.º lugar. O encontro marcou ainda a despedida de André Mendes. Nos masters, o Ginásio venceu no Porto o CLIP/GD BPI por 67-38, na primeira mão do Campeonato Nacional de Masters. No futebol, Clara Rodrigues, Marta Curado e Yasmine Ideias foram convocadas para um treino

da selecção distrital Sub-14, enquanto Marta Assunção integrou a convocatória Sub-12. Na formação, os Sub-14 empataram 1-1 com o Esperança e venceram o mesmo adversário por 3-0. Os Sub-13 bateram o Vigor por 3-0 e os Sub-17 venceram no terreno do Lousanense por 4-1. Registraram-se ainda derrotas dos Sub-10, Sub-11, Sub-12 e Sub-15. No remo, o Ginásio participou na Regata Internacional Queima das Fitas, em Coimbra, com 20 atletas. Tiago Duarte conquistou o ouro no remo adaptado, enquanto Carlota Monteiro, Marta Grilo, Sérgio Salgado, André Serra e Carla Silva alcançaram medalhas de prata. Iris Faustino e Marta Ferreira somaram o bronze em Sub-16. A secção esteve também nas comemorações do 170.º aniversário da Associação Naval de Lisboa, onde a equipa de yole de oito master misto foi 2.ª classificada. No ténis de mesa, Jaime Santos venceu a prova de Veteranos VIII+IX+X no XIII Torneio Internacional de Condeixa-a-Nova, que reuniu cerca de 200 atletas de 55 clubes. Destaque ainda para o 2.º lugar da equipa Sub-19 masculina e para os terceiros lugares de Mário Queda e Jos Op de Woert. No voleibol, Yara Sirgado, Mafalda Barbosa, Leonor Pato, Yasmin Gomes e Zlata Belolutska foram chamadas a um treino de observação da Selecção Nacional. Na formação, as Iniciadas perderam com o Lousã VC por 3-0, enquanto as Cadetes venceram o ACD Caseirinhos pelo mesmo resultado.

SAFRA DA SARDINHA ARRANCOU NA FIGUEIRA DA FOZ

A safra da sardinha arrancou na segunda-feira, 4 de Maio, na Figueira da Foz, assinalando o primeiro dia da campanha de pesca. A iniciativa decorreu na Lota da cidade, com a saída simbólica de uma embarcação de cerco, e contou com a presença do ministro da Agricultura e Pescas, José Manuel Fernandes, do presidente da Câmara Municipal, Pedro Santana Lopes, e de várias

entidades ligadas ao sector marítimo. Durante a manhã, a comitiva visitou os estaleiros navais Atlânticeagle, seguindo-se o tradicional "bota-abaixo" da embarcação Fernando Lé. O programa incluiu ainda um almoço promovido pelo Marine Stewardship Council, onde foi apresentado um documentário sobre a certificação MSC da sardinha ibérica, iniciada em Julho de 2025.

CANTANHEDE RECEBE FESTIVAL DE VINHOS ROSÉS E BRANCOS

O Município de Cantanhede prepara-se para acolher, no próximo dia 23 de Maio (sábado), mais uma edição do Pink & White Spring Fest. O evento, dedicado à celebração e promoção da qualidade dos vinhos brancos e rosados, terá lugar nos Paços do Concelho, entre as 15h00 e as 20h00. A edição deste ano contará com a presença de 20 produtores que trarão a prova mais de 70 vinhos. Um dos grandes atractivos será a oportunidade de realizar a primeira prova de vinhos da colheita de 2025, que ainda serão lançados no mercado. Para além da vertente vínica, o festival aposta na valorização da economia local e cultura regional através da gastronomia, com leitão à Bairrada e doçaria regional. Haverá animação com DJ, nos Paços do Concelho, e uma "after party" no café Garden, junto ao recinto da Expofac. Com um orçamento de 25 mil euros, a organização prevê um crescimento de 15% no número de visitantes, após ter recebido cerca de 900 pessoas no ano passado. Segundo Adérito Machado, vereador da Câmara de Cantanhede, o festival é um "valioso activo no sector dos vinhos e na oferta enoturística", reforçando a atractividade do território. Por sua vez, Jorge Brito, da CIM Região de Coimbra, destacou que o evento já faz parte do calendário do sector e acompanha as tendências de mercado. Pedro Soares, da Rota da Bairrada, sublinhou a importância da iniciativa para a valorização da economia e cultura local. A entrada no festival é gratuita, com o kit de Prova a custar 8 euros (ou 5 euros mediante apresentação de convite disponível em vários locais). A iniciativa é organizada pelo Município de Cantanhede, Associação Rota da Bairrada e CIM Região de Coimbra, com os apoios da Turismo Centro de Portugal, Comissão Vitivinícola da Bairrada e Wines of Portugal.

mero de visitantes, após ter recebido cerca de 900 pessoas no ano passado. Segundo Adérito Machado, vereador da Câmara de Cantanhede, o festival é um "valioso activo no sector dos vinhos e na oferta enoturística", reforçando a atractividade do território. Por sua vez, Jorge Brito, da CIM Região de Coimbra, destacou que o evento já faz parte do calendário do sector e acompanha as tendências de mercado. Pedro Soares, da Rota da Bairrada, sublinhou a importância da iniciativa para a valorização da economia e cultura local. A entrada no festival é gratuita, com o kit de Prova a custar 8 euros (ou 5 euros mediante apresentação de convite disponível em vários locais). A iniciativa é organizada pelo Município de Cantanhede, Associação Rota da Bairrada e CIM Região de Coimbra, com os apoios da Turismo Centro de Portugal, Comissão Vitivinícola da Bairrada e Wines of Portugal.

MIRA VOLTA A PÔR AS FAVAS NO CENTRO DA MESA

O Jardim do Visconde, em Mira, recebe, entre 8 e 10 de Maio, a terceira edição do festival "Favas à Nossa Moda", uma iniciativa que celebra a gastronomia tradicional, o convívio e a cultura local. Organizado pela Junta de Freguesia de Mira, com o apoio da Câmara Municipal, o certame volta a dar protagonismo à fava, ingrediente bem conhecido da cozinha portuguesa e ponto de partida para várias propostas gastronómicas preparadas pelas associações da freguesia. Pelo meio, haverá ainda espaço para alguma saudável competição, com a escolha do melhor prato de favas. A abertura oficial está marcada para sexta-feira, dia 8 de Maio, às 19h00. A primeira noite contará com animação musical de Gonçalo Lo-

pes, às 21h00, seguindo-se a actuação da Banda Magnum, às 22h30. No sábado, dia 9, o programa arranca às 14h30 com um ensaio aberto da Filarmonia Ressurreição de Mira. À noite, sobem ao palco o artista internacional Chris Ribeiro, às 21h30, e o grupo Pelados & Santos, que prestará tributo aos Mamonas Assassinas, às 23h00. O festival despede-se no domingo, dia 10 de Maio, a partir das 14h30, com um baile popular conduzido por GJ Show, que contará com as presenças de João Claro e Benvinda Costa. Com entrada livre, o "Favas à Nossa Moda" promete três dias de sabores, música e boa disposição, num ambiente pensado para reunir mirenses e visitantes à volta da mesa e da tradição.

PENELA VAI TER SEMANA DEDICADA À CAÇA

A Câmara Municipal de Penela, em parceria com os restaurantes aderentes, irá realizar entre amanhã (dia 8) e 17 de Maio, a 4.ª edição da Semana Gastronómica da Caça. Durante 10 dias poderão ser degustados variados pratos característicos da região em cinco restaurantes do concelho, nomeadamente: D. Sesnando Restaurante, HD Gustatio, O Pascoal, O Pastor, e o Xisto Restaurante. A Semana Gastronómica da Caça integra a programação da Feira Medieval, reforçando a identidade histórica e cultural do evento. Com abordagens mais tradicionais e outras mais inovado-

ras, a gastronomia da caça assume-se como referência gastronómica no concelho de Penela. O evento visa atrair visitantes e dinamizar a economia local, reforçando a identidade gastronómica do território e contribuindo para a valorização e preservação das tradições. Na Semana Gastronómica da Caça os comensais poderão ainda ficar habilitados a ganhar prémios, como dormidas no concelho, experiências em empresas de animação turística, cabazes de produtos endógenos, entre outros, através do preenchimento de um inquérito que está disponível nos restaurantes aderentes.

FESTIVAL DO CABRITO E DA ESCARPIADA REGRESSA ESTE FIM-DE-SEMANA A CONDEIXA-A-NOVA



Sabores que contam a história de Condeixa: o Festival do Cabrito e da Escarpiada regressa à mesa este fim-de-semana, entre tradição, convívio e património

Condeixa-a-Nova volta a pôr a tradição à mesa. Depois do primeiro fim-de-semana do Festival do Cabrito e da Escarpiada, o certame regressa entre amanhã e domingo, de 8 a 10 de Maio, com 17 restaurantes aderentes e um convite simples: provar dois dos sabores mais identitários do concelho e ficar para descobrir a sua história. Sob o mote "Venha pelos sabores, fique pela história", a edição deste ano apresenta um formato renovado, repartido por dois fins-de-semana, em vez da habitual semana contínua. A alteração, concertada com os restaurantes participantes, procura valorizar os dias mais associados ao convívio, às refeições demoradas e aos passeios em família ou entre amigos. Ao longo destes dias, o cabrito e a escarpiada assumem o papel principal nos menus dos restaurantes aderentes. O menu do

festival tem o preço único de 20 euros e inclui cabrito, pão, azeitonas, uma bebida e escarpiada, doce tradicional confeccionado com massa de pão, açúcar amarelo, canela e azeite. Para apoiar a iniciativa e tornar o menu mais acessível, o município ofereceu a cada restaurante 50 quilogramas de cabrito e 150 escarpiadas. O investimento municipal ronda os 20 mil euros, valor que a Câmara enquadra numa estratégia de promoção da economia local, da restauração, da doçaria tradicional e do território. Entre o sabor do cabrito, a doçura rústica da escarpiada e o património que se revela a poucos passos, com Conímbriga como um dos grandes cartões-de-visita, Condeixa-a-Nova prepara-se para mais um fim-de-semana em que a gastronomia é ponto de partida para descobrir o concelho.

ETAR DO CHOUPAL MELHORA AMBIENTE DE COIMBRA E DO MONDEGO

Águas do Centro Litoral assinalou, na segunda-feira, a consagração da empreitada de remodelação da Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) do Choupal. O investimento, que ultrapassa os 36 milhões de euros, visa transformar a maior infra-estrutura de saneamento de Coimbra naquela que terá o melhor desempenho ambiental do país e uma das tecnologias mais avançadas de toda a Europa.

Com conclusão prevista para 2029, a obra representa um desafio técnico significativo, uma vez que a intervenção será realizada com a infra-estrutura em pleno funcionamento.

A nova ETAR do Choupal não se limitará ao tratamento de águas, pois será uma unidade focada na economia circular e na autossuficiência.

O projecto prevê a produção de energia renovável, através de uma Unidade Central Solar Fotovoltaica de 300kWp; a valorização de biogás com a concretização de uma Central de Cogeração para



Uma obra que decorrerá durante três anos foi lançada por Carmona Rodrigues, Ana Abrunhosa, Filipa Alves e Pimenta Machado

produção de energia para autoconsumo; aproveitamento de subprodutos com a valorização de lamas e do efluente tratado; modernização tecnológica com a remodelação da linha de tratamento da fase líquida, incluindo etapas de pré-tratamento, decantação primária e tratamento biológico.

Serve mais de 200 mil habitantes

Actualmente, a ETAR serve 200 mil habitantes, tratando cerca de 59.000 m³ de água por dia. Após a remodelação, a capacidade será reforçada para

servir mais 50 mil pessoas, garantindo o cumprimento dos mais exigentes padrões de qualidade para os efluentes descarregados no rio Mondego.

A presidente da Câmara de Coimbra, Ana Abrunhosa, sublinhou que este investimento é um compromisso com a saúde pública e a qualidade de vida. Por sua vez, Pimenta Machado, presidente da Agência Portuguesa do Ambiente (APA), destacou a importância da obra para a economia local e para as 60 praias fluviais da região Centro, especialmente no início da época balnear.

Para Filipa Alves, pre-

sidente da Águas do Centro Litoral, este momento marca a "renovação de um compromisso colectivo num território mais sustentável". Carmona Rodrigues, presidente da Águas de Portugal, reforçou a magnitude da obra, classificando-a como uma "intervenção cirúrgica" numa das maiores e mais avançadas estações do país e da Europa.

A infra-estrutura, que opera desde 1992, gere actualmente uma rede de cerca de 60,8 km de emissários e 19 estações elevatórias, servindo grande parte das freguesias do concelho de Coimbra.

TRIBUNAL DE COIMBRA ABSOLVE NOVAMENTE FUNDAÇÃO ADFP

O Tribunal de Coimbra voltou a absolver a Fundação ADFP e o seu presidente, Jaime Ramos, no processo que investigava alegadas violações de regras urbanísticas na construção do Templo Ecuménico, em Miranda do Corvo. A decisão mantém o veredito já proferido em Maio de 2025, após o Tribunal da Relação ter solicitado a repetição do acórdão devido a questões técnicas na sentença anterior.

Além de Jaime Ramos, o Tribunal absolveu todos os restantes arguidos, incluindo Sérgio Sêco, antigo vereador da Câmara de Miranda do Corvo, uma empresa de construção civil e dois dos seus responsáveis, assim como uma engenheira da Fundação (já falecida).

O processo, que se arrasta há anos, centrava-se em suspeitas de irregularidades nas empreitadas do Templo Ecuménico Universalista, do Museu da Chanfana e do Hotel Parque Serra da Lousã. Apesar da decisão favorável aos arguidos, o Ministério Público já manifestou a intenção de recorrer novamente da sentença.

Em declaração escrita, Jaime Ramos reagiu com dureza à insistência do Ministério Público e ao histórico do processo. O antigo

autarca e líder da Fundação ADFP classificou o caso como "bizarro" e fruto de um "fundamentalismo" judicial.

"Quase a completar dez anos desde a inauguração do Templo Ecuménico - obra legal com licença de utilização -, o Ministério Público continua a desperdiçar tempo a perseguir-me", refere Jaime Ramos, apontando também baterias à política local, afirmando que o processo teve origem num "sectarismo socialista" instalado na autarquia de Miranda do Corvo, acusando o anterior executivo camarário de nutrir um "ódio de estimação" contra a Fundação. Para o presidente da ADFP, a nova absolvição é apenas a confirmação de uma certeza que sempre defendeu, lamentando o que considera ser uma "farsa" jurídica que se prolonga no tempo. "Terá sido crime urbanístico o arranque das cepas dos eucaliptos e em sua substituição plantar oliveiras, romãzeiras, cerejeiras, medronheiros? Terá sido crime cumprir a lei que obriga a ter uma zona de protecção contra incêndios? Nunca o Ministério Público pediu para voltarmos a plantar os eucaliptos como seria obrigatório se fosse um crime urbanístico" - questiona e remata Jaime Ramos.

NOVA CHURRASQUEIRA TRAZ SABOR DE BRASA À VÁRZEA EM COIMBRA



Amigos, clientes e boa disposição marcaram a inauguração da Nova Churrasqueira, na Várzea, em Coimbra

Várzea, em Santa Clara, acaba de ganhar um novo ponto de encontro para quem aprecia comida feita com tempo, carvão e sabor. A Nova Churrasqueira abriu recentemente portas em Coimbra, num espaço totalmente remodelado e pensado para receber clientes, fa-

mílias e grupos de amigos num ambiente próximo e acolhedor.

Instalada na Urbanização da Quinta da Várzea, nas imediações da Rotunda das Lages, a casa surge para valorizar os sabores tradicionais da grelha, com pratos preparados na brasa e uma carta onde não faltam clássicos bem

conhecidos dos apreciadores de boa mesa.

Entre as especialidades da Nova Churrasqueira destacam-se o frango assado, o entrecosto, os secretos, a picanha, o naco e o bacalhau, sempre com atenção à qualidade dos ingredientes e ao sabor genuíno que só o carvão consegue dar. A

juntar a estas sugestões, a casa apresenta ainda pratos de conforto, como o tradicional arroz de cabidela, pensado para quem procura uma refeição com memória e identidade.

A inauguração contou com a presença de amigos e clientes, num momento descontraído que marcou o arranque desta nova etapa. Mais do que uma churrasqueira, o espaço quer afirmar-se como um local de proximidade, onde se entra para uma refeição saborosa e se fica pela simpatia do atendimento.

A Nova Churrasqueira encontra-se aberta de terça-feira a domingo, encerrando ao domingo à noite e às segundas-feiras. As reservas podem ser feitas através do número 239 441 385.

CONÍMBRIGA ACOLHE FORUM JAZZ FEST

O Museu de Conímbriga, em Condeixa-a-Nova, acolhe, em Junho, a primeira edição do Conímbriga Forum Jazz Fest, com uma programação que inclui música, teatro e poesia e visitas guiadas, revelou hoje a organização.

O Conímbriga Forum Jazz Fest decorre entre 11 e 14 de Junho, com o mote "O despertar de uma nova harmonia", e é organizado pela Associação Festival das Artes QuebraJazz, em parceria com a Câmara de Condeixa-a-Nova, e a Museus e Monumentos de Portugal.

Segundo o director do

festival, Miguel Lima, a escolha do nome não foi "por acaso", salientando que, no mundo romano, o fórum era o "centro nevrálgico onde a política, a economia e a cultura se cruzavam", assim como "o lugar da partilha e do debate", uma vocação que o evento se propõe a devolver ao Museu Nacional de Conímbriga.

Além da música, a programação inclui visitas guiadas com apontamentos musicais, uma conferência de reflexão histórica, teatro com poesia e uma apresentação para crianças, num total de sete eventos.

ENTRE INOVAÇÃO E PRUDÊNCIA: UM RETRATO DO TECIDO EMPRESARIAL DA MEALHADA

LUÍS FRANCISCO

Falar do tecido empresarial da Mealhada é, muitas vezes, oscilar entre o diagnóstico confortável e a análise que evita fricção. Entre a enumeração de dificuldades e a celebração de potencialidades, sobra pouco espaço para uma leitura mais exigente. É esse espaço que aqui se procura abrir, cruzando dados e vozes do território.

”

Predomina uma lógica de adaptação contínua, mais próxima da sobrevivência do que da expansão sustentada.

Segundo dados da PORDATA, o concelho conta com 2.653 empresas não financeiras e cerca de 6.998 postos de trabalho, com um volume de negócios de 721,6 milhões de euros. O tecido é maioritariamente composto por micro, pequenas e médias empresas, muitas de matriz familiar, o que garante proximidade ao mercado e forte enraizamento territorial. Ainda assim, a concentração é evidente: quatro empresas representam cerca de 63% do volume de negócios e 19% do emprego.

Carlos Couceiro e Sofia Martins, presidente e vice-presidente da Associação

Comercial e Industrial da Bairrada e Aguireira [ACIBA], sublinham que “O concelho da Mealhada



Carlos Couceiro, presidente da ACIBA

apresenta um tecido empresarial bastante dinâmico para a sua dimensão demográfica”, assente “em micro, pequenas e médias empresas”, o que garante proximidade ao mercado e ligação ao território. Acrescentam ainda que o volume de negócios “ascende a cerca de 721,6 milhões de euros, evidenciando um peso económico muito relevante à escala regional”.

A estes dados junta-se um desafio estrutural já identificado: a necessidade de expansão industrial. A futura ampliação da Zona Industrial da Pedrulha - com cerca de 16 hectares e 23 novos lotes - surge como resposta a uma pressão crescente de empresas que procuram crescer sem abandonar o território.

Um equilíbrio instável

O retrato geral é o de um tecido empresarial

funcional, mas tensionado. Não há sinais de rutura, mas também não há um verdadeiro salto de escala. Predomina uma lógica de adaptação contínua, mais próxima da sobrevivência do que da expansão sustentada.

Como nota adicional, o crescimento da região coloca desafios imediatos ao nível do espaço, da qualificação e da capacidade de acolher investimento.

Sobreviver não chega

A escala reduzida limita investimento, inovação e internacionalização. Muitas empresas operam em circuitos curtos, o que garante estabilidade, mas também reduz ambição.

”

Falta, sobretudo, escolha. Quando tudo é prioridade, nada o é verdadeiramente.

Ainda assim, a ACIBA destaca “a resiliência e capacidade de adaptação das empresas”, “a proximidade ao cliente e ao mercado” e “conhecimento técnico e experiência acumulada”.

Assinala ainda que “começa a verificar-se uma evolução positiva ao nível da abertura à inovação, digitalização e profissionalização da gestão, ainda que com ritmos diferentes entre empresas”.

Cultura empresarial e risco

Mais do que um problema económico, existe uma questão cultural. A prudência, quando excessiva, transforma-se em bloqueio. Evita o erro, mas também impede o crescimento.

Persistem ainda desalinhamentos entre formação e necessidades reais do tecido produtivo. Como observa José Ramos, “a formação existe, a até de modo consistente e desenvolvido, dentro das empresas, que procuram especializar os seus trabalhadores”, mas falta articulação sistémica.

Para Carlos Couceiro e Sofia Martins, “os principais constrangimentos passam pela dificuldade em atrair e reter mão de obra qualificada, pelo excesso de carga burocrática e pela crescente pressão fiscal e de contexto”. Acrescentam ainda a importância de reforçar a literacia financeira e a adaptação às exigências ESG. “Neste contexto, o papel da ACIBA torna-se ainda mais relevante, ao apoiar

”

A prudência, quando excessiva, transforma-se em bloqueio. Evita o erro, mas também impede o crescimento.

as empresas não apenas na resposta aos desafios tradicionais, mas também na adaptação a estas novas exigências do mercado”, concluem.

Entre estratégia e ausência de visão

O papel do poder local oscila entre apoio e ausência de uma estratégia económica clara. Para a ACIBA, “as empresas precisam de uma relação institucional séria, estável e construtiva com o poder político, baseada em diálogo, previsibilidade e capacidade de execução.”



Sofia Martins, vice presidente da ACIBA

Falta, sobretudo, escolha. Quando tudo é prioridade, nada o é verdadeiramente.

José Ramos sublinha a necessidade de políticas ativas de retenção de jovens, com melhores salários, habitação acessível e progressão de carreira, alertando também para a dependência crescente de mão de obra estrangeira.

A ACIBA reforça: “o setor empresarial não procura privilégios do poder

político central. Procura condições para trabalhar, investir e criar emprego com confiança. O que as empresas mais valorizam não são discursos, mas sim decisões concretas, rapidez administrativa e visão estratégica para o território.”

”

Não a falta de futuro, mas a hesitação em escolhê-lo.

Uma última pergunta

Há sinais de vitalidade, mas permanecem fragmentados. Casos de inovação existem, mas não estruturam o conjunto.

A questão decisiva não é se a Mealhada tem potencial - isso é evidente. A questão é se existe vontade coletiva para ultrapassar a lógica da mera continuidade.

Sem essa decisão, o tecido empresarial arrisca permanecer num equilíbrio paradoxal: suficientemente estável para não alarmar, mas insuficientemente ambicioso para transformar.

Para a ACIBA, “o setor empresarial não procura privilégios do poder político central. Procura condições para trabalhar, investir e criar emprego com confiança. O que as empresas mais valorizam não são discursos, mas sim decisões concretas, rapidez administrativa e visão estratégica para o território.”

E talvez seja isso que mais define este território hoje — não a falta de futuro, mas a hesitação em escolhê-lo.

Um novo desafio à nova Câmara



JORGE GOUVEIA
MONTEIRO*

Está a gerar-se, em Coimbra, uma nova aproximação entre as associações de moradores de pontos tão diversos da Cidade como diversas são as suas géneses e experiências. Quinze associações reuni-

ram-se em final de janeiro e propuseram à Câmara a criação de um programa específico de incentivo ao associativismo local. A proposta foi recentemente entregue em mão à Senhora Presidente Ana Abrunhosa e pretende criar uma coisa simples: a Câmara identifica as suas prioridades para o ano (ou anos) seguinte(s), as associações candidatam-se aos apoios, descrevem como se propõem participar nesses objetivos que a Câmara defi-

niu e quais os resultados que esperam alcançar; a Câmara avalia, aprova os apoios e inscreve-os no orçamento do ano seguinte.

Manda a verdade que se diga que Coimbra deveria saber agradecer àqueles cidadãos que se associam, investem esforço e criatividade e, com isso, melhoram a Cidade. No Monte Formoso, plantaram árvores, embelezaram o bairro e promoveram a cultura. Em Valverde, gerem um dos me-

lhores espaços verdes de que Coimbra dispõe em contexto urbano. Na Portela, lideram a contestação ao excesso de construção e reclamam alto e bom som a renaturalização das margens do Mondego. No Ingote, geriram de forma exemplar o parque infantil e promovem o convívio entre os moradores, na Cumeada propõem-se construir espaços de convívio onde hoje há edifícios degradados. Poderia continuar a dar exemplos dos

Bairros de Celas, S. José e Quinta da Nora, António Sérgio, Relvinha, Carpinteiros (Almalaguês), Fonte do Castanheiro e alguns outros.

A Câmara tem tudo a ganhar em ter interlocutores organizados, com quem possa discutir e avançar em objetivos tão importantes como a discussão do PDM, a arborização das ruas e praças, o grande aumento da separação de resíduos para reciclagem, a criação de novos equipamentos cul-

turais, o embelezamento das escolas, o apoio aos idosos sozinhos.

Se o fizer, o associativismo será valorizado e replicado em muitos outros locais de residência, enriquecendo a Cidade de todos.

Gosto de dizer, entre amigos, que a democracia participativa é uma coisa de que todos falam e muitíssimo poucos praticam.

Coimbra pode juntar-se aos praticantes. O desafio está aí.

O Mondego não precisa de uma ilusão chamada Girabolhos



A. NUNO MARTINS*

Sempre que o Baixo Mondego sofre cheias, a barragem de Girabolhos regressa ao debate público como resposta pronta. A repetição do argumento não o torna mais convincente. Fala-se de uma infraestrutura antiga, assente numa declaração de impacto ambiental de 2016, como se ela pudesse corrigir de uma vez só décadas de assoreamento, erosão, falta de manutenção e erros de engenharia e de ordenamento do território. Mas os acontecimentos recentes mostram uma realidade bem mais complexa.

As cheias de 2026 tornaram evidente que o problema não está apenas a montante. Aos efeitos adversos dos incêndios de 2025 somam-se vulnerabilidades antigas da bacia e falhas persistentes na gestão da planície alu-

vial. Girabolhos, situada a mais de 70 quilómetros das zonas mais atingidas, teria sempre um efeito parcial. A própria ministra do Ambiente o reconheceu em Coimbra. Ainda assim, o nome da barragem continua a ser convocado como se bastasse pronunciá-lo para transformar uma paisagem vulnerável num território seguro.

Também convém recenter o debate na escala real dos factos. Num país que registou 16 mortes no chamado comboio de tempestades, 14 resultaram do temporal e de acidentes posteriores, não de afogamentos no Baixo Mondego. Em Coimbra, a RTP reportou que não houve mortos nem feridos, que a Baixa não precisou de ser evacuada e que a rutura do dique atingiu sobretudo campos agrícolas. Os danos foram sérios, sem dúvida, mas sobretudo materiais. Isso não os diminui. Apenas impede que se fabrique uma narrativa de catástrofe total em Coimbra e no Baixo Mondego para justificar, sem o devido es-

crutínio, uma grande obra pública.

Os próprios dados relativos às evacuações exigem maior prudência. Em Coimbra, menos de cem pessoas terão sido levadas para escolas sem que nenhuma delas viesse a ter a casa inundada. Mais delicado ainda é o caso dos lares de Bencanta-São Martinho do Bispo. Com soleiras acima da cota 21,60 m, segundo andar à cota 24,60 m, a cerca de 700 metros do rio, e tendo o nível da água ficado abaixo dos 14,5 m, importa perceber por que razão se avançou para uma evacuação noturna, forçada e com grande impacto psicológico e logístico. Segundo informações confirmadas, pelo menos quatro idosos precisaram de tratamento médico. Um deles permaneceu internado por várias semanas. Tudo isto pede reflexão séria sobre proporcionalidade, risco e responsabilidade.

Quem vive junto ao rio, aliás, falou com mais lucidez do que grande parte do ruído político. Em Formo-

selha, moradores disseram à Lusa que contam com as cheias "todos os anos". Não exigiam milagres. Pediam manutenção, apoio e previsibilidade. Em Soure, em Ereira, no concelho de Montemor-o-Velho, e noutras zonas do Baixo Mondego, a cheia faz parte de uma experiência territorial antiga de resiliência comunitária. Em 2026, as populações responderam com solidariedade e presença no terreno, em articulação com líderes autárquicos e a proteção civil, enquanto a água se manteve durante mais de uma semana junto das casas. Isso não apaga a exposição ao risco e as vulnerabilidades. Mostra apenas que o território não é abstrato e que o risco pode e deve ser mitigado localmente.

A contradição política torna-se ainda mais evidente ao se observar o que aconteceu depois. Poucos dias após as cheias de fevereiro de 2026, o executivo de Coimbra aprovou a suspensão parcial do PDM para "dinamizar as frentes ribeirinhas", ao mesmo

tempo em que prosseguia o Plano de Pormenor da Estação de Coimbra, que prevê torres de 14 andares na planície de inundação do Mondego. Ou seja: invoca-se Girabolhos em nome da segurança, mas admite-se a densificação urbana de área condicionada pela cheia e pela Reserva Ecológica Nacional. A incoerência é difícil de disfarçar.

Mas o erro maior talvez seja outro: olhar o Baixo Mondego apenas como um problema hidráulico. Não é. O Parque Patrimonial do Mondego mostrou há muito que o rio entre a Aguieira e a Figueira da Foz é uma paisagem cultural, feita de pauis, arrozais, diques, comportas e também de lavadeiras, pescadores, barqueiros, agricultores e tradições orais. Girabolhos não seria neutra. Transformaria o território, afetaria a biodiversidade e colocaria em risco património material e imaterial.

A resposta séria está noutro lugar: limpeza e reforço dos diques, manutenção do canal de rega,

revisão dos taludes da A1 em zona inundável, reavaliação dos pontos de contacto entre aterros, pilares da autoestrada e diques do Mondego e de outros rios, mais espaço para a água e apoio técnico e financeiro às comunidades ribeirinhas. O Baixo Mondego precisa de cuidados continuados, de conhecimento local e de governo do território com autarquias e populações no centro. Não precisa de mais uma ilusão remota, chamada Girabolhos, decidida nos distantes gabinetes da APA em Lisboa.

Uma petição subscrita pela GEOTA, pela LPN, pela ZERO e pelo movimento ClimAção Centro recolhe assinaturas para levar o assunto ao Parlamento. Petição: Suspendam a barragem de Girabolhos no Mondego

(*) **Professor de Arquitectura e Adaptação às Alterações Climáticas da Universidade da Beira Interior e Coordenador do Projecto do Parque Patrimonial do Mondego**

Legislação Eleitoral



LUIZ VILAR *

Hoje vou escrever sobre a lei eleitoral que urge rever, para ser ainda mais transparente e que motive todos os portugueses com ou sem filiação partidária. No passado escrevi sobre este tema mas cingi-me a círculos uninominais. Agora pretendo uma revisão eleitoral vá desde as Presidenciais, às Legislativas e às Autárquicas, não me esquecendo da Regionalização.

Em relação à eleição do Presidente da República, entendo que é abrangente a todos os portugueses consoante os requisitos prévios, não ignorando que há quem defenda um só mandato de 7 anos. Dis-

cordo pelo simples facto de um Presidente eleito poder ter uma aceitação grande na população e por isso o limite actual de 2 mandatos está bem.

Nas eleições Legislativas, há pelo menos dois aspectos que estão totalmente errados. A primeira questão é não existir um limite de mandatos para os Deputados, como já hoje acontece em todas as outras eleições. E, esse limite, deveria ser igual ao existente nas Autarquias com os mesmos fundamentos como se legislou para eles. Ser Deputado não pode ser uma profissão, outrossim, um serviço público prestado a Portugal.

Mas há uma segunda questão que é mais importante. Nas Legislativas só podem concorrer os Partidos Políticos e se estes entenderem podem chamar para as suas listas, cidadãos sem filiação

partidária.

E, se é verdade que não existe Democracia sem Partidos Políticos, também não é menos verdade que a Democracia se esgota nos Partidos. Mais grave, alguns querem mesmo estar nas juventudes partidárias para chegarem mais facilmente à "profissão" de Deputados e os resultados estão à vista de todos.

Círculos uninominais

A solução é criar círculos uninominais onde todos os cidadãos, com regras definidas hoje nas Autarquias, também pudessem concorrer. Desta forma, combateríamos o carreirismo político-partidário, os populismos extremistas à esquerda e à direita e dávamos mais transparência, qualidade, pluralidade e aproximávamos mais os eleitores aos eleitos na Assembleia da República.

E não é preciso aumentar o número de Deputados. Ao se criar um círculo uninominal o número de Deputados dos actuais círculos desceria em 40%, o que significaria que dos actuais 230 Deputados, 92 eram eleitos pelos círculos uninominais.

E, se tivermos a ambição de avançar para uma Regionalização, como aliás defendo, as actuais CCDR corresponderiam já a esses círculos uninominais.

Sei bem que os directórios partidários não irão estar de acordo com esta minha proposta, mas nem todos têm a humildade democrática de recusar o lugar na lista de Deputados, tal como fiz em 1995, apesar da insistência do Fausto Correia e do Jorge Coelho. Recusei o 5.º lugar a favor do Osório Gomes e não cedi descer para 6.º lugar que foi ocupado pela depois ministra do Tra-

balho, Dra. Maria João Rodrigues. Hoje vive-se na selva das guerrilhas das listas.

Eleições autárquicas

Falta-me, naturalmente, a eleição para as Autarquias. Nestas só deverão existir dois boletins de voto, um para a Assembleia Municipal e outro para a Assembleia de Freguesia.

O boletim de voto para o Presidente e Executivo Camarário não faz qualquer sentido político por se tratar de um órgão iminentemente Executivo e como tal a sua fiscalização é feita pela Assembleia Municipal.

Tal como acontece para o Governo e nas Juntas de Freguesia, na 1.ª reunião da Assembleia Municipal, elege-se o Presidente que forma o governo do Concelho.

E, não me digam que se

gasta mais dinheiro. Cito um exemplo: Coimbra. O executivo camarário seria composto pelo Presidente eleito na Assembleia Municipal e mais 5 Vereadores por si indicados e votados na Assembleia Municipal.

A Assembleia Municipal que hoje já tem de se reunir de 3 em 3 meses, passaria a reunir-se obrigatoriamente de 2 em 2 meses, a pedido do Presidente de Câmara, pela maioria simples dos Deputados Municipais ou por força da legislação que assim o exigisse. As senhas pagas aos Deputados Municipais seriam compensadas pela diminuição do número de Vereadores. A transparência aumentaria e a fiscalização do Executivo também seria alvo de um maior escrutínio.

Continuarei a escrever sobre assuntos que dizem respeito aos Portugueses.

(*) **Ex-autarca**

Decidir Coimbra (I)

Decidir em situação de excepção



ADELINO GONÇALVES*

Há textos que, numa primeira leitura, parecem dizer muito. Porém, quando são lidos com atenção, percebe-se que não tocam no essencial do assunto que discutem. É o caso de alguns artigos recentemente publicados sobre a suspensão parcial do Plano Director Municipal de Coimbra.

São textos que revelam posições distintas sobre esta decisão do Executivo da CMC: uns valorizam a oportunidade política, enquanto outros sublinham os riscos e propõem leituras mais amplas. Esta diversidade é legítima, mas também revela que estamos perante uma decisão que merece ser discutida, e que o debate tem contornado uma questão central: como se decide, com que critérios, com que garan-

tias e com que consequências para a forma da cidade.

Há quem associe a suspensão do PDM a coragem, visão e flexibilidade. Outros alertam para riscos e arbitrariedades. Tudo isto contribui para o debate, mas não o resolve. E não o resolve por uma razão simples: a questão não é apenas política. É, sobretudo, uma questão de método, e é isso que procuro desenvolver nos três textos desta reflexão.

Quando regras pretensamente claras são substituídas por margens de interpretação flexíveis - como acontecerá, neste caso, ao nível dos licenciamentos -, a questão deixa de ser a existência de regras. Passa a ser a forma como são aplicadas, com que critérios e com que garantias de transparência e consistência.

A definição de critérios, a articulação entre escalas, a relação entre norma e excepção e a transparência das decisões públicas não se resolvem apenas no plano político: exigem enquadra-

mento conceptual e discussão informada. Assim, o debate aproxima-se de um problema que exige rigor científico.

Escolher um rumo

Dizer que muitos municípios estão "reféns de PDM desactualizados" pode soar convincente. Mas isso levanta uma questão grave: se esse argumento for suficiente para suspender PDMs, qualquer município poderá invocá-lo. É esse o caminho que queremos seguir? É precisamente aqui que a questão se torna mais exigente: se os planos são entendidos como obstáculos, deixa de estar em causa a sua actualização e passa a estar em causa a própria ideia de planeamento.

É neste ponto que reside o essencial: a forma como os PDM são revistos, e como essa revisão se traduz em decisões concretas que, na prática, os testam. A revisão de um PDM não se faz num mandato. Por isso, não pode depender de ciclos políticos

curtos, nem reduzir-se a decisões pontuais. Exige um trabalho colectivo envolvendo organizações públicas e privadas, conhecimento técnico e científico, comunidade empresarial, associações e municípios.

Portanto, a questão não é saber se a suspensão é corajosa ou arriscada, mas compreender como se decide cada operação urbanística, com que critérios e com que garantias. Sem essas respostas, o debate esgota-se entre entusiasmo e receio, e as áreas abrangidas correm o risco de se transformar sem que seja claro o sentido dessa transformação.

Decidir Coimbra não é apenas responder a circunstâncias: é escolher um rumo. É esse rumo que se traduz, no limite, na forma da cidade, na qualidade do espaço público e na arquitectura - ou, na sua ausência, na progressiva perda de qualidade.

(* **Arquitecto e Professor Associado da Universidade de Coimbra**)

Do Choupal até à Lapa, apenas uma canção?



HERNÂNI CANIÇO*

Três meses após a tempestade Kristin, o caminho principal do Choupal continua impedido por árvores derrubadas e não retiradas, tal como vários percursos transversais, e não sabemos quanto mais tempo assim continuará. Além da inacção, nenhuma informação é dada, como se estivéssemos na era das cavernas e não na IA.

De longa data, entre faltas de preservação, o circuito de manutenção continua sem eficácia, a tartaruga icónica está cada vez mais dilacerada, os habitáculos de observação das aves estão em degradação acelerada (e mesmo a nidificação das aves está reduzida), as estruturas de madeira estão deterioradas (com excepções), WC de apoio são nojentos.

O Choupal é uma Mata Nacional, gerida pela administração central (ICNF),

mas já M. Machado, enquanto presidente da Câmara, em 2015, se queixava do Governo que não respondia às suas propostas de cogestão partilhada, no contexto da requalificação urbana e ambiental.

Durante 8 anos, como deputado municipal e depois como vereador, proferi intervenções formais e escrevi artigos de opinião, defendendo o Choupal reabilitado, em articulação com o rio Mondego, criação de actividades e responsabilidade partilhada. E também propugnei por higiene e salubridade exemplares, pedagogia do civismo, conservação e alargamento dos circuitos, criação de espaços indoor para crianças em dias de frio e parque outdoor de proximidade, pavimentos corrigidos para ciclistas, mais vias pedonais, meeting point, uma via verde cidade-rio. Foi ignorado.

O estado em que está

Há esforço do ICNF em higiene e limpeza dos caminhos, manutenção de espaços arbóreos e reabilitação da Casa da Mata, mas também

vemos que as vias pedonais e rodoviárias mistas estão decrépitas (irregulares e de bordos indefinidos), que faltam placas de sinalização de espaços de orientação ou estão danificadas, que o espaço confinante ao canal de rega e o parque de merendas precisam reabilitação, que a identificação das espécies arbóreas está incompleta, que há circulação de cavalos (proibida) e dejectos em múltiplas zonas, que as áreas de estacionamento necessitam regularização, que não há vigilância e controlo adequado da falta de civismo (com contentores e actuação de vigilantes e policiais).

E não há fruição do bambuzal junto à Casa da Mata, escondido e alvo de roubos, não há núcleo museológico nem oficina de trabalhos em madeira, nem melhoria do percurso temático "floresta viva" e do circuito temático "vida aquática", borboletário, anfiteatro ao ar livre, consolidação do parque desportivo, posto de primeiros socorros, etc., como era anunciado em 2010...

Há uma nova luz ao fundo do túnel. Ana Abrunho-

sa, presidente da Câmara, anunciou o pedido de gestão partilhada do Choupal.

Seria uma grande obra se, para além do Choupal, fosse criado um parque verde e reabilitação da Lapa dos Esteios (e zonas envolventes da margem esquerda do Mondego), que tem um património arquitectónico, jardins e plantas, exuberante vegetação ribeirinha e excepcional vista sobre a cidade. Foi classificado em 2011 como local de interesse público, e segundo estudo etnobotânico do Prof. Jorge Paiva, tem 135 espécies identificadas, com um conjunto de plantas medicinais, comestíveis e venenosas. O financiamento poderia advir do Portugal 2030 (que tem apenas 60% das verbas destinadas), via Programas Sustentável 2030 e Centro 2030.

Do Choupal até à Lapa seria assim, não apenas uma emblemática canção, mas uma prestigiada imagem de Coimbra, que se quer mais verde, mais conectada, mais social, mais próxima dos cidadãos.

(* **Médico**)

LÁ FORA



Ó minha Mãe, minha amada

JOANA GIL

Estamos em Maio, mês ameno e de Primavera em força. Há um toque florido no ar, não apenas nos jardins, mas também nas montras. Bouquets de rosas, perfumes, mimos diversos são exibidos aqui e acolá, procurando tentar clientes a oferecer um presente no dia da Mãe.

Mas sem pressa: afinal, a "Fête des Mères", como lhe chamam na Bélgica, tem lugar apenas no próximo dia 10 de Maio. A designação belga ganha à portuguesa em espírito celebratório: festa das mães, qual "dia", que dias há muitos e servem tanto para recordar alegrias como para homenagear vítimas de tragédias. Festa das Mães, assim mesmo, que a maternidade é coisa que bem merece ser festejada. Os portugueses têm no entanto o mérito da dianteira no calendário. Juntamente com espanhóis, lituanos e húngaros, escolhemos o primeiro domingo de Maio para homenagear as mães. Os belgas assinalam, tal como muitos outros - alemães, italianos, suíços, austríacos, gregos, holandeses ou dinamarqueses, no segundo domingo de Maio. E há ainda os que deixam para o fim do mês, como a França ou a Suécia.

As mães que vivem fora do seu país de origem podem por isso, nalguns casos, contar com dupla celebração. Uma amiga polaca cujos filhos cresceram na Bélgica e já são agora adultos partilhava há dias, em jeito de graça, que enquanto eles eram crianças apareciam sempre em casa com lembranças e palavras amorosas organizadas pela escola para o segundo domingo de Maio. Quando deixaram a escola e esses "lembretes" deixaram de ter lugar, replicavam eles aos protestos da mãe pelo esquecimento: "É que nós agora seguimos o calendário polaco, mãe.". Ficava assim adiada a festa por mais uns dias, que na Polónia a tradição dita que as mães sejam homenageadas a 26 de Maio.

A associação de Maio ao(s) dia(s) da mãe entronca na tradição católica de designar Maio como o mês de Maria, mãe de Jesus. Esta tradição, que terá tido origem nos EUA no início do século XX, foi-se espalhando rapidamente pelo globo. Em Portugal, a primeira data escolhida para assinalar o Dia da Mãe foi justamente 8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição. Terá sido porém a própria Conferência Episcopal Portuguesa a pedir, pouco depois, que a data fosse alterada, para evitar o aproveitamento comercial do 8 de Dezembro. A escolha do primeiro domingo de Maio radicou no facto de esse ser em princípio um domingo onde não há celebrações religiosas de especial relevância, ao contrário do que sucede mais adiante no mesmo mês, onde surgirão o Pentecostes ou ou a Ascensão. Curiosamente, na Bélgica, há uma cidade que não celebra o Dia da Mãe no segundo domingo de Maio mas sim num dia fixo. Em Antuérpia, a homenagem às mães tem lugar a 15 de Agosto - justamente para coincidir com a Nossa Senhora da Assunção, padroeira daquela cidade.

As mães merecem bem ser celebradas. Elas estão na origem de cada um de nós, são dedicadas, compreensivas, apoiam, dão carinho, mimo, colo, ralhetes, tolerância, exigência, orientação, ajuda, abraços, amor, ensinam-nos tanto do que sabemos, brincam, zangam-se, pedem e dão, afadigam-se, desanimam, entusiasmam-se, riem, preocupam-se com grandes e pequenas coisas, preocupam-se connosco e por nós, estão na rectaguarda a velar por nós, e todas as mães vão partindo deste mundo e certamente continuando a olhar pela sua descendência mesmo depois da morte, porque isto de ser mãe não termina com o fim da vida, nem para elas nem para os filhos, e num tempo em que há tanto medo de ter filhos, vale a pena lembrar que ser mãe é a melhor coisa do mundo. Celebre-se tudo isso, pois, no primeiro, no segundo, no último domingo de Maio, ou num qualquer dia à escolha. Para esta celebração, todos os dias são bons.

Como o próprio título indica, esta crónica vai dedicada à minha mãe.

F_R_A



A TECNOLOGIA NA BAIXA DE COIMBRA

A Loop Future, empresa tecnológica sediada em Coimbra, assinalou recentemente o seu 7.º aniversário com a inauguração da remodelação do seu escritório central. O evento, que reuniu mais de 100 colaboradores de geografias como Portugal, Índia, Reino Unido e Suíça, serviu para reforçar a cultura interna e apresentar as novas estruturas de gestão da organização. Ao contrário da tendência de deslocalização para parques industriais periféricos, a Loop Future (originalmente The Loop Co.) mantém a sua sede num histórico edifício da Baixa de Coimbra, ocupando e revitalizando o património histórico em vez de construir novas infra-estruturas, alinhando-se com os valores de economia circular da empresa. E a presença de centenas de profissionais qualificados impulsiona o comércio tradicional e ajuda a combater a desertificação do centro histórico, com a proximidade da Universidade de Coimbra e o estilo de vida urbano a facilitarem a ligação a jovens talentos e investigadores. O que começou como uma spin-off da Critical Software focada em manuais escolares usados (Book in Loop) evoluiu para um grupo tecnológico de elite. Actualmente, a empresa opera em sectores de alta complexidade, como telecomunicações, banca, seguros e até o sector aeroespacial. O progresso da empresa é sustentado por números expressivos: cerca de 75% da sua facturação provém de mercados externos. Com uma equipa que ultrapassa os 220 colaboradores, o objectivo da empresa é consolidar-se como um dos grandes nomes da tecnologia europeia, estando inclusive inserida em programas de preparação para entrada em bolsa (IPOready). Durante as comemorações do aniversário, a empresa promoveu actividades de team building pelas ruas da Baixa, permitindo que as equipas internacionais conhecessem a história de Coimbra. O evento culminou com uma cerimónia de Awards, onde mais de 25 profissionais foram distinguidos pelo seu desempenho. Para o CEO, João Cunha, estes momentos presenciais são vitais, mesmo num modelo de trabalho híbrido, para promover o sentimento de pertença e o espírito de equipa que define a Loop Future. Segundo o vice-presidente Manuel Tovar, "foi interessante ver colegas do Reino Unido, Índia e Suíça a conhecerem mais de perto a nossa história e os locais onde trabalhamos diariamente.

VINAGRETAS

MUNDIAL DA FOFURA?



Lançada colecção do Mundial de Futebol 2026 para cães

Pode parecer estranho ler as palavras "Mundial" e "fofura" na mesma frase. Sobretudo, porque quando pensamos em jogadores de futebol, não é bem a fofice que salta à vista (é o talento futebolístico, obviamente. Nada de pensar noutras coisas!). No entanto, este ano, há todos os motivos e mais alguns para olhar para os equipamentos desportivos e soltar um "ohhhhh". Isto porque a Adidas acaba de lançar uma colecção específica para animais de companhia. Chama-se "FIFA World Cup 2026" e permite que donos e cães se vistam a rigor (e da mesma forma) para o Campeonato do Mundo de Futebol 2026. A colecção inclui camisolas inspiradas nos equipamentos principais de quatro federações: México, Colômbia, Argentina e Japão. Cada peça tem o escudo da federação aplicado por transferência térmica, o logótipo Adidas com acabamento premium e um ajuste confortável adaptado a diferentes tamanhos. Uma verdadeira chiqueza para os nossos companheiros de quatro patas! Se pensarmos bem, faz todo o sentido. Não só porque os animais merecem tudo e mais alguma coisa, mas também porque, por vezes, são eles os maiores fãs da bola! E há por aí muitos caninos que bem podiam dar umas aulinhas sobre como driblar o adversário!

PORTUGAL TRABALHA MUITO E PRODUZ POUCO



Mesmo com diagnóstico, nada muda

é o quinto país da União Europeia com a carga horária semanal mais elevada, numa média de 39,7 horas, só ultrapassado pela Grécia, Polónia, Roménia e Bulgária. A média europeia são 37 horas semanais. Além disso, somos um dos países com mais contratos temporários entre os jovens e com níveis salariais abaixo da média europeia. Se falarmos do outro vértice do problema, dados de Abril deste ano da OCDE demonstram, mais uma vez, as debilidades do País, já que temos das mais baixas produtividades da Europa. Se somos dos que mais trabalhamos, porque não somos produtivos? Na verdade, este é um dos maiores bloqueios da economia portuguesa e que impede Portugal de crescer. Junte-se a isso os salários mais baixos e percebemos por que tardamos em inverter a tendência. Mas a questão é mais profunda e implica factores como a fraca execução de projectos, retenção de talento, reforço da formação (sobretudo em áreas tecnológicas e de

inovação), a dimensão fiscal (que asfixia empregadores e trabalhadores), a burocracia e, do ponto de vista social, o problema da habitação. A roda há muito que foi inventada. Temos o diagnóstico há décadas. E eis que nada muda. Continuamos a trabalhar muito e a ser pouco produtivos. Até quando? Talvez no próximo século, os que por cá andarem, tenham a resposta.

SE FOSSE VERDADE, NÃO IAM FALTAR INSCRITOS!



A gaffe de António Costa: "Universidade... do Vinho"

O presidente do Conselho Europeu, António Costa, não pára de surpreender e, desta vez, conseguiu colocar todo um auditório a rir. A propósito do 50.º aniversário do primeiro curso de Relações Internacionais da Universidade do Minho (UM), em Braga, este foi convidado a fazer um discurso. Ora, se, por norma, pensamos que um momento desses vai ser aborrecido, desejando que acabe antes mesmo de começar, este caso foi diferente. Com uma única frase, António Costa conseguiu divertir todos os que estavam presentes no evento e não faltaram gargalhadas. É que o antigo primeiro-ministro cometeu um ligeiro engano quando falava da UM, isto é, ele queria dizer "Universidade do Minho", mas disse "Universidade... do Vinho". Bom, não sabemos se estava com falta de álcool no sangue ou se lhe fugiu a boca para a verdade, afinal, são poucos os estudantes que resistem a um belo tinto ou branco. O certo é que esta gaffe encheu de risos o salão do edifício da Reitoria e António Costa não ficou minimamente embaraçado. Muito pelo contrário: reagiu com humor, acrescentando "que lapsos! Também é verdade!". Lá está, toda a gente sabe que um bom estudante é também um bom apreciador de bebidas alcoólicas, aliás, se existisse mesmo uma Universidade do Vinho não iam faltar candidaturas! O presidente do Conselho Europeu sabe bem disso, por isso, o lapsos está desculpado. Sobretudo, após a justificação que deu para se "redimir": "Se há coisa que podemos reconhecer com muito, muito orgulho é como a qualidade do nosso vinho melhorou nos últimos 20 anos, não fruto das alterações climáticas, não porque a terra tenha mudado, mas porque o vinho passou a ter uma nova componente essencial para além da uva. Foi o saber que as universidades produziram através dos enólogos que foram formados ao longo das décadas", uma declaração que mereceu aplausos de todos os presentes. E bem! Afinal, António Costa deu bem à volta à situação... mas a isso, já nós estamos habituados!

ÀS VEZES, MAIS VALE ESTAR CALADO... E ASSOBIAR

Menos palavras e mais assobios: é isso que promove um novo grupo insólito criado no WhatsApp que, em apenas dez dias, reuniu mais de três mil membros de vários países. Ali, não são permitidas trocas de palavras, sendo que os elementos apenas podem trocar assobios via mensagens de voz. Em Portugal, esta já é uma



Novo grupo do WhatsApp troca palavras por assobios

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO COIMBRA
www.campeaoprovincias.pt



Telefone 239 497 750 | E-mail campeajournal@gmail.com
Editor/Propriedade REGIVÓZ, Empresa de Comunicação, Lda. NIPC 504 753 711
Sede Editor/Redacção Rua Adriano Lucas, 216 Az. D - Eiras 3020-430 Coimbra
Director Lino Vinhal (CP 77)
Editor Executivo Luís Santos (responsável executivo por esta edição)
Redacção Lino Vinhal (CP 77), Luís Santos (CP 345),
Joana Alvim (CP 7607) e Cristiana Dias (CP 8248)
Director Comercial Carlos Gaspar
Directora de Marketing e Publicidade Adelaide Pinto 239 497 750
jornalcp.adelaidepinto@gmail.com

Design e Paginação Campeão das Províncias
Impressão FIG - Indústrias Gráficas, S.A.; Rua Adriano Lucas, 3020-430 Coimbra
Distribuição VASP - Sociedade de Transportes e Distribuição, Lda. R. da Tascoa, n.º 16 - 4.º Piso, 2745-003 Queluz
Telef. 214 398 500, Fax: 214 302 499
Registo SRIP sob o n.º 222567; ISSN: 1645 - 2968; N.º ERC: 122568 | Depósito Legal n.º 127443/88
Preço de cada número 1€ | Assinatura anual 40,00€ | Tiragem média 9.000 exemplares
LEI DA TRANSPARÊNCIA - Propriedade Regivóz, Empresa de Comunicação, Lda. Capital Social 5.000,00 euros.
Participações no capital Maria de Fátima Rodrigues Viegas Vinhal - 2.500 euros (50%); Lino Augusto Vinhal - 2.500 euros (50%).
Gerência Lino Augusto Vinhal
Estatuto Editorial em www.campeaoprovincias.pt



VINAGRETAS

→ verdadeira tendência e por conta da adesão crescente, o grupo do WhatsApp tem vindo a multiplicar-se, de forma a que todas as pessoas possam dar uso à sua voz de pardal e assobiar como se não houvesse amanhã. Para fazer parte da diversão, os interessados só têm de enviar mensagem para a página de instagram "assobio_mestre". De seguida, um dos administradores envia um link direto para o chat do WhatsApp que ainda tiver vagas disponíveis (sim, porque elas são preenchidas muito rapidamente. Há muito boa agente a saber assobiar pelo mundo fora). Assim que integram o grupo, é absolutamente proibido escrever o que quer que seja. Palavras não são permitidas, sendo apenas possível comunicar através de stickers e/ou mensagens de voz com assobios. O certo é que esta inovação pode ser muito divertida e original, no entanto, se pega moda e se os jovens deixam de escrever até nas redes sociais, o caldo está entornado! Muitos docentes dizem que as novas gerações têm dificuldades em escrever em condições, então assim... nem queremos imaginar. Pelo menos, há uma coisa boa: não vai faltar quem saiba assobiar, o que dá muito jeito em diversas situações! É bom que Portugal se vá preparando para os verdadeiros rouxinóis!

ÁGUA QUE UNE OS "AMIGOS DE SEMPRE"



A água corre, o "Centrão" é o mesmo

O Governo nomeou Macário Correia para liderar a empresa Aqua SA, que vai gerir e executar os projectos da estratégia 'Água que Une' (com mais de 1.500 milhões de euros a serem executados actualmente). Não está em causa a pessoa, o seu valor profissional e muito menos o que pode dar, em termos técnicos, ao projecto tido como estruturante. O que está à vista, mais uma vez, é a tendência do Centrão em nomear "os amigos de sempre", numa espécie de renovação (geracional) que teima em não acontecer. E mais. O primeiro-ministro, quando anunciou o nome de Macário Correia, comparou a aposta da estratégia 'Água que Une' com a visão do antigo primeiro-ministro, Aníbal Cavaco Silva, quando este avançou para a construção da barragem do Alqueva, no Alentejo. O "Cavaquismo" tem em Portugal muita "má memória", por razões diversas. Além disso, a 'Água que Une', projecto hídrico estruturante anunciado por este Governo, tem tudo menos boa impressão, já que pelo menos há um ano que não sai do papel. Uma coisa é certa, a ministra do Ambiente e Energia, Maria da Graça Carvalho, é das poucas que pode dar o "empurrão" que falta a esta reforma que é essencial para a resiliência hídrica do País. Resta saber se conseguirá contornar as escolhas de Montenegro na estratégia político-partidária que caracteriza o Centrão há 50 anos. Irá 'desunir' mais do unir? O tempo o dirá!

AUTORIDADE... JUDICIÁRIA



Dura lex, sed lex...

A magistrada que representa o Ministério Público na audiência de julgamento de José Manuel Silva (vide notícia no corpo desta edição) não se comoveu, na semana passada, com o desejo da defesa no sentido de refrescar a memória de um antigo assessor do outrora bastonário

da Ordem dos Médicos. Estipula uma norma do Código de Processo Penal ser "permitida a reprodução ou leitura de declarações anteriormente prestadas, perante autoridade judiciária, na parte necessária ao avivamento da memória". A pretensão do advogado João Riquito consistia em avivar a memória de José Mário Martins, que assessorou aquele antigo bastonário da OM. Ora, a pretensão esbarrou na letra da lei. A memória de José Mário poderia ser refrescada se se tratasse de reprodução de declarações prestadas, na fase de inquérito do processo, pela testemunha, perante autoridade judiciária (no caso, a procuradora que acusou o arguido de peculato e falsificação de documento). Acontece que João Riquito aspirava à reprodução de um depoimento facultado à PJ. Autoridade judiciária é a procuradora responsável pela dedução de acusação, como também poderia ser um juiz de instrução se a peça acusatória, por iniciativa da defesa, tivesse sido sujeita a escrutínio a cargo de um magistrado judicial. Longe de se tratar de uma questão corporativa, a magistrada em representação do MP no julgamento fez questão de lembrar que autoridade judiciária era a colega dela da fase de inquérito. Dura lex, sed lex...

VÃO-SE ACABAR AS PIPOCAS...



Fecham 10 salas de uma vez

Parece que, em breve, ir ao cinema em Coimbra no lado direito do Mondego será uma experiência tão rara quanto encontrar estacionamento à porta da Sé Velha. A NOS Lusomundo Cinemas decidiu que dez salas no Alma Shopping são areia a mais para o seu camião e prepara-se para bater com a porta em Dezembro deste ano. A decisão de não renovar o contrato (que tecnicamente expirou em Abril de 2025) foi tomada pela exibidora, que, num gesto de "extrema caridade" corporativa, aceitou prolongar a estadia até ao final do ano para dar tempo à gestora do shopping de encontrar outra utilidade para aquele espaço. Talvez uma pista de bowling para estudantes desesperados? A estratégia da NOS para Coimbra parece seguir a dieta do "menos é mais". Enquanto o Alma Shopping diz adeus às suas dez salas, a exibidora assegurou um contrato de médio/longo prazo no Forum Coimbra. Ou seja: passamos de um banquete de 16 salas comerciais para um "snack" de apenas seis. Em 2019, o Alma recebia mais de 241 mil espectadores; em 2025, o número já ia minguando. A nossa autarca, Ana Abrunhosa, já veio avisar que o Forum passará a ser o último baluarte do cinema de massas na cidade. Mas para os resistentes do cinema alternativo, resta a Casa do Cinema de Coimbra, nas Galerias Avenida - um projecto que sobrevive desde 2021 e que, agora, arrisca-se a ser o único local onde o projector não se sente sozinho.

MILAGRE DA RECONSTRUÇÃO INVISÍVEL

Bem-vindos ao fascinante mundo da arquitectura conceptual do Estado português, onde o betão é substituído por boas intenções e os alicerces são feitos de papel selado. Passaram-se quase nove anos desde os incêndios de Outubro de 2017 e, para cerca de 20 famílias da Região Centro, a "primeira habitação" tornou-se um conceito metafísico. O MAAVIM (Movimento Associativo de Apoio às Vítimas dos Incêndios de Midões) ameaça agora levar o Estado ao Tribunal Europeu dos Direitos Humanos. Compreende-se. Afinal, em Portugal, a justiça e a reconstrução movem-se à velocidade de um caracol com artrite. Enquanto isso, a CCDRC apresenta números robustos para nos tranquilizar: Receberam 1.340 pedidos de apoio e enquadraram 849 no programa de apoio. Os

restantes? Bem, faltava um papel, a casa não era "permanente" ou suficiente, ou o seguro decidiu não colaborar. A entidade regional garante que está a trabalhar arduamente com os ministérios para resolver tudo até 2026. É uma data bonita. Quase uma década depois do fogo, as famílias poderão finalmente deixar de morar em "processos pendentes" e "recursos administrativos" para passarem a viver em casas com paredes e tecto. Entretanto, Nuno Tavares Pereira, o porta-voz do movimento, ia à Comissão Parlamentar de Inquérito levar relatos de abandono. Esperemos que leve também óculos especiais para os deputados, para que estes consigam ver as tais casas que já foram pagas, mas que, por timidez ou excesso de transparência, teimam em não aparecer no terreno. Em Portugal, o crime não compensa, mas a inércia parece ter um orçamento vitalício.



Nove anos depois... há processos pendentes

O NOVO SÃO PEDRO

Parece que o destino tem um sentido de humor apurado, ou então Pimenta Machado anda a levar o seu cargo na Agência Portuguesa do Ambiente (APA) demasiado à letra. Depois de uns meses a navegar por entre cheias e a gerir o excesso de água por esse país fora, chega à cerimónia da ETAR do Choupal e, assim que abre a boca, o céu decide participar no evento. Pimenta Machado estava a afirmar que este é um compromisso para um "Mondego mais limpo" e, pelos vistos, as nuvens decidiram dar uma ajuda imediata na lavagem, mesmo que ninguém tenha pedido a demonstração em tempo real. Se a nova infra-estrutura aposta na valorização de subprodutos e energia renovável, Pimenta Machado parece ter descoberto uma nova fonte: a oratória pluvial. Basta ele começar a discursar para o ciclo hidrológico se acelerar. Para quem já está farto de água das cheias, esta chuva na cerimónia foi o equivalente meteorológico a levar trabalho para casa. Pelo menos a época balnear está à porta e com 60 praias fluviais na região Centro o presidente da APA já tem onde secar o fato... se parar de chover, claro!



Até o Ambiente está farto de água

BOTAS DA TROPA

Se achavas que o voluntariado era apenas ajudar velhinhos a atravessar a rua, prepara-te para o voluntariado cívico-militar. Durante três a seis semanas, podes trocar o teu feed do TikTok por formação física e militar. O "cachet": recibes uma retribuição única de 439,21 euros. É o valor exacto para pagares umas sapatilhas de marca ou, quem sabe, metade de um iPhone usado, servindo de consolação por 50% do que ganha um militar a sério na instrução básica. A cereja no topo do bolo (ou da boina) é a carta de condução gratuita. Finalmente, o sonho de conduzir um jipe militar (ou o carro da tia) está ao alcance de quem souber fazer flexões. Em suma: se tens entre 18 e 23 anos, o Governo quer que troques as tuas férias por um "bootcamp" patriótico.

ESPECIALISTAS APONTAM FALTA DE MANUTENÇÃO COMO CAUSA PROVÁVEL DAS CHEIAS DO MONDEGO

As primeiras conclusões de um estudo da Universidade de Coimbra sobre as cheias do Mondego serão apresentadas no início de Junho e deverão colocar no centro do debate a manutenção do sistema hidráulico do rio, mais do que a sua eventual desactualização.

O grupo de trabalho, liderado pelo antigo Reitor da Universidade de Coimbra Seabra Santos, está a analisar as causas das cheias recentes e os seus impactos no Baixo Mondego. Sem antecipar formalmente as conclusões, o professor catedrático sustenta que a infra-estrutura hidráulica construída a partir da década de 1970 continua adequada, mas tem sido

deixada sem o acompanhamento técnico permanente que exige.

Para Seabra Santos, o Mondego entre Coimbra e a Figueira da Foz não pode ser visto como um curso de água natural. É, sublinha, uma obra de engenharia — com diques, valas, leitos artificiais e sistemas de contenção — e deve ser mantida como tal. A ausência de uma estrutura local dedicada à vigilância e conservação diária do rio é, no seu entender, uma das fragilidades mais evidentes.

O especialista recorda que os diques foram concebidos para suportar cheias da ordem dos 2.000 metros cúbicos por segundo, mas ruíram três vezes nos últimos



Cheias no Mondego voltaram a expor fragilidades na manutenção do sistema hidráulico entre Coimbra e a Figueira da Foz, que especialistas da Universidade de Coimbra defendem dever ser tratado como uma obra de engenharia

25 anos em episódios próximos desse limiar. A repetição dos colapsos é vista como sinal de que algo falha na gestão corrente do sistema, sobretudo quando vegetação de grande porte cresce em zonas sensíveis dos diques e

nos leitos periféricos.

O assoreamento em Coimbra é outro dos pontos críticos identificados. Segundo os cálculos de Seabra Santos, o leito do Mondego entre a Portela e a Ponte Açude estará a acumular cerca de 70

mil metros cúbicos de sedimentos por ano. A dragagem regular dessa zona poderá, defende, reduzir a altura das futuras cheias.

A jusante da Ponte Açude, o problema inverte-se: a retenção de areias estará a contribuir para fenómenos de erosão no leito do rio. Uma das hipóteses em avaliação passa por retirar sedimentos na zona de Coimbra e repô-los em áreas a jusante ainda por determinar, de modo a travar escavações indesejadas.

Seabra Santos defende que uma estratégia preventiva, com investimento anual estável, seria financeiramente mais racional do que intervenções pesadas após cada

desastre. A lógica, afirma, deve deixar de ser a da emergência e passar a ser a da conservação contínua.

O grupo de trabalho entrou em funções em Janeiro, num período marcado por sucessivas depressões que atingiram o país, e integra também os académicos Alfeu Sá Marques, Cidália Fonte, Isabel Pedroso de Lima, Nuno Simões, Paulo da Venda, Ricardo Mendes e Rita Fernandes de Carvalho.

As conclusões preliminares serão conhecidas no início de Junho. O relatório final deverá ser apresentado em Outubro, depois do Verão, e publicado numa brochura editada pela Universidade de Coimbra.

ESCOLA DA NOITE EXPLORA IDEIA DE UMA HUMANIDADE FERIDA

A Escola da Noite estreia hoje, quinta-feira, em Coimbra, o espectáculo “Pareciam homens ao longe”, que junta três peças do dramaturgo brasileiro Gil Vicente Tavares ligadas por uma ideia comum de humanidade ferida e desespero de falta de perspectivas. O espectáculo tem sessões de quinta-feira a domingo até ao final do mês (com excepção do dia 24 de Maio) e os bilhetes custam entre cinco e dez euros.

O dramaturgo assume, nesta produção da companhia de Coimbra, a sua primeira encenação fora do Brasil, num espectáculo no Teatro da Cerca de São Bernardo (TCSB) que junta três peças curtas do autor: “Praça de Guerra”, “Os Javalis” e “Os Amantes II”.

Um encontro entre um homem e uma mulher num bar onde percebem ser de lados opostos de uma guerra que destruiu tudo à sua volta, uma invasão de javalis que devasta a humanidade sobrando apenas duas pessoas no mundo - confinadas a uma casa -, e um casal que se depara com a avaria da sua única televisão.

Apesar de as três peças assumirem linguagens distintas, as histórias acabam

por se ligar “por essa ideia de uma humanidade ferida, da solidão partilhada, do desespero de falta de perspectivas”, disse à agência Lusa o dramaturgo e encenador.

O título do espectáculo é resgatado de uma das frases de “Os Javalis”, em que uma das personagens, quando questionada sobre como eram as caras dos javalis, diz que “pareciam homens ao longe, mas só de bem perto é que se via o quanto eram repugnantes”.

“Essa frase tem muito a ver com este tipo de dramaturgia, sobre o quanto as coisas vão sendo reveladas e desveladas, dentro de um ambiente fechado”, aclarou Gil Vicente Tavares.

O premiado dramaturgo brasileiro não esconde a influência do absurdo no teatro - escreveu uma tese sobre isso - também presente no espectáculo.

“No absurdo, as personagens são como se fossem entulhos de humanidade, em que se pegam vários restos, fragmentos dessa humanidade”, disse, considerando que esse tal entulhamento está também presente no espectáculo, até de uma forma visual.

Entre as três peças, apenas uma - a primeira - vislumbra uma possibilidade

de conciliação, num cenário de Márcio Medina, que começa “meio confuso” e que depois se arruma de uma forma “clássica, quase frontal”, quando “tudo desanda” no espectáculo. O texto seco e de estilo directo, centrado na situação dramática, explora também aquilo que mais interessa a Gil Vicente Tavares: “A inquietação”.

“Nós chegámos onde chegámos pela inquietação, porque a gente aprendeu a falar, a gente aprendeu a pegar em ferramentas, a gente aprendeu a plantar, a viver em sociedade, a criar regras para conviver em sociedade, porque estávamos inquietos. Mas também estávamos inquietos para invadir o vizinho e derrubar o vizinho e matar o vizinho para comer melhor”, notou.

O dramaturgo disse que “são alguns poucos inquietos que fazem as coisas incríveis e as desgraças da humanidade”, e considerou que, além da inquietação, interessa-lhe a passividade, por o mundo viver numa espécie de jogo da corda - com inquietos de um lado e passivos do outro. “Neste espectáculo também está presente essa tensão entre a passividade e a inquietação”.

TEUC ESTREIA PEÇA PARA PÔR EM CAUSA COIMBRA

O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) estreia hoje, quinta-feira, a peça “Coimbra: The Best City to Live and to Love”, uma tragicomédia para pôr tudo em causa, incluindo a cidade.

A peça, que estará em cena até domingo, recupera e transforma o mito fundador da cidade da princesa Cindazunda, filha de um rei que é oferecida a outro, com o casamento a selar a paz entre os dois reinos em conflito.

Em palco, sete actores recorrem ao estilo tragicómico do bufão para trabalharem e distorcerem esse mito fundador de Coimbra, ao mesmo tempo em que reflectem sobre a cidade onde vivem e o seu lugar nela, disse à agência Lusa o encenador do espectáculo, Hugo Inácio.

“Começou-se a falar da cidade, dos mitos fundadores e da Cindazunda, que é oferecida pelo seu pai em troca da paz. E esse símbolo - essa mulher que é um objecto que é dado a outra pessoa - começou a espelhar a vontade dos actores de falarem de todos os poderes que a cidade de Coimbra tem”, disse.

O título remete logo para a ironia presente na

peça, onde “nada é poupado” - a cidade, o teatro -, notou, referindo que o espectáculo surge também como contraponto a “esta coisa de se bradar aos céus de que Portugal é um país super acolhedor e que ninguém sofre de xenofobia ou de homofobia”.

A peça divide-se em três partes, arrancando com o bufão, um estilo “que mostra de maneira um bocadinho violenta, através da deformação dos corpos, pessoas que representam certos temas na sociedade que estão à margem”, num teatro “mais bruto, mais cruel e mais cru”, contou.

Posteriormente, há uma espécie de ‘casting’ onde os próprios actores se põem em causa, enquanto procuram ser contratados para a tal história da Cindazunda. Num espectáculo sem linearidade, os actores “reflectem sobre a sua condição, mas também sobre a cidade e o seu lugar na cidade”, salientou Hugo Inácio.

“Eu acho que a própria cidade se acha um pouco ‘The Best City to Live and to Love’ [a melhor cidade para viver e amar]. Sempre achei - não sou de cá - e há essa brincadeira com o reflexo que a cidade tem dela própria”.



A peça recupera e transforma o mito fundador da cidade da princesa Cindazunda